

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

**O *Cyberbullying*.  
Natureza e Ocorrência em Contexto Português.**

**Mariana Campos**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:  
Professora Doutora Susana Carvalhosa, Professora Auxiliar,  
ISCTE-IUL

Outubro, 2009

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA – INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

**O *Cyberbullying*.  
Natureza e Ocorrência em Contexto Português.**

**Mariana Campos**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:  
Professora Doutora Susana Carvalhosa, Professora Auxiliar,  
ISCTE-IUL

Outubro, 2009

## Agradecimentos

À Professora Doutora Susana Carvalhosa pela competência com que orientou a minha dissertação de Mestrado e pela sua dedicação em todas as sessões de orientação decorridas ao longo do ano lectivo.

À Professora Doutora Isabel Correia pela sua disponibilidade e conhecimento científico.

Aos meus colegas de Mestrado e amigos que me apoiaram incondicionalmente e me ajudaram na divulgação do questionário online.

À minha família pelo suporte emocional.

E, inevitavelmente, aos participantes. Aos Alunos da Escola do 2º e 3º Ciclos Maria Lamas, aos Alunos da Escola do 2º e 3º Ciclos Dr. Augusto César Pires de Lima e aos Alunos online que atenciosamente colaboraram no estudo.

A todos o meu sincero e profundo agradecimento.

## Dedicatória

À Maria do Céu, à Rosalina e à Isabel. As três mulheres que sempre me inspiraram.

## Resumo

A presente investigação tem como objectivos caracterizar e descrever a natureza e incidência do *cyberbullying*, correlacionando-o com o *bullying*, o suporte social, o tempo dispendido com as tecnologias de informação e comunicação, o conhecimento e utilização de estratégias de segurança online.

A amostra é composta por 115 alunos do 5º ao 12º ano, com idades compreendidas entre os 10 e os 26 anos. 62,6% dos alunos são do sexo feminino e 37,4% do sexo masculino. A maioria dos alunos pertence ao distrito do Porto (45,2%) e de Lisboa (28,7%).

Os resultados demonstram que 8,7% dos indivíduos são *cybervítimas* e 6,1% *cyberbullies*. Verificamos que existe uma correlação entre *cyberbullying* e *bullying*, assim como ser-se *cyberbully* e *bully* ou *cybervítima* e vítima de *bullying*. As vítimas de *cyberbullying* têm um suporte mais elevado entre os colegas e os *cyberbullies* entre os amigos. Os agressores online dispendem mais tempo com as tecnologias e conhecem e utilizam mais estratégias de segurança. Não se verificaram contudo diferenças entre os casos de *cyberbullying* e o sexo dos participantes.

Os dados encontrados pelo presente estudo são preocupantes, sublinhando a complexidade e gravidade do *cyberbullying*. O fenómeno é hoje uma realidade em Portugal e deve ser encarado como um problema de saúde pública.

*Palavras chave: Cyberbullying, Bullying, Cyberbully, Cybervítima.*

## Abstract

This research aims to characterize and describe the nature and impact of cyberbullying, correlating it with the bullying, social support, the time spent with the information and communication technologies, knowledge and use of security strategies.

The sample consists of 115 students from 5<sup>th</sup> to 12<sup>th</sup> year, aged between 10 and 26 years. 62.6% of students are female and 37.4% of males. Most students belong to the district Oporto (45.2%) and Lisbon (28.7%).

The results show that 8.7% of individuals are cybervictims and 6.1% cyberbullies. Found that there is a correlation between bullying and cyberbullying, as well as cyberbully and cybervictim and bully and victim of bullying. Victims of cyberbullying have a higher support among colleagues and cyberbullies among friends. Attackers online spend more time with the technologies and know and use more security strategies. However there were no differences between the cases of cyberbullying and gender of participants.

The data found in this study concern and accentuate the complexity and seriousness of cyberbullying. The phenomenon is now a reality in Portugal and should be viewed as a public health problem.

*Key words:* Cyberbullying, Bullying, Cyberbully, Cybervictim.

## Índice

Introdução	1-15
Do <i>Bullying</i> ao <i>Cyberbullying</i>	1-2
O <i>Cyberbullying</i>	2-3
Os Actores envolvidos no <i>Bullying</i> e no <i>Cyberbullying</i>	4-7
Prevalência do <i>Cyberbullying</i> no Mundo	7-10
<i>Cyberbullying</i> e <i>Bullying</i> Tradicional	10-11
<i>Cyberbullying</i> e Relutância em Contar a Adultos	11-12
<i>Cyberbullying</i> e Tempo Dispendido Online	12
<i>Cyberbullying</i> e o Conhecimento da Identidade do Agressor	12
<i>Cyberbullying</i> e Suporte Social	13-14
Objectivos e Hipóteses	14-15
Método	16-20
Amostra	16
Instrumento	16-19
Procedimento	20
Resultados	21-27
Discussão e Conclusão	28-31
Referências Bibliográficas	32-36
Anexo	37-44

## Índice de Tabelas

Tabela 1 – Percentagem e número de vítimas, <i>bullies</i> e <i>bystanders</i> consoante o tipo de <i>bullying</i>	21
Tabela 2 – Percentagem e número de <i>cybervítimas</i> , <i>cyberbullies</i> e <i>cyberbystanders</i> consoante o tipo de <i>cyberbullying</i>	21
Tabela 3 – Tempo dispendido, em média, por dia, com cada tecnologia de informação e comunicação, discriminado pelo sexo dos participantes	23
Tabela 4 – Percentagem de participantes que conhece e/ou utiliza cada estratégia de segurança online	24
Tabela 5 – Relação entre <i>cyberbullying</i> e <i>bullying</i>	25
Tabela 6 – Relação entre <i>cyberbully/cybervítima</i> e tipo de suporte social	25
Tabela 7 – Relação entre <i>cyberbully/cybervítima</i> , tempo dispendido online e conhecimento e utilização de estratégias de segurança	26

## Introdução

O *cyberbullying* pode ser definido como um comportamento hostil e deliberado que tem como intuito prejudicar os outros através da utilização de tecnologias de informação e comunicação (TIC). Estudos internacionais, como os de Anderson e Sturm (2007), revelam que o *cyberbullying* afecta cada vez mais indivíduos, trazendo consequências nefastas para a sua saúde mental e psíquica e para a sua convivência e relacionamentos interpessoais. Tal como no *bullying*, o *cyberbullying* é caracterizado por um comportamento negativo e agressivo, executado repetidamente e que ocorre num relacionamento onde há um desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (Anderson, & Sturm, 2007). Convém ainda acrescentar que duas das principais diferenças entre o *bullying* tradicional e o *cyberbullying* prendem-se com o anonimato do agressor conferido pelas novas tecnologias e a rápida difusão da humilhação, provocação, insulto, rumor, difamação, etc., entre um público desconhecido e amplo na *Web*.

A presente investigação tem como principais objectivos caracterizar e descrever, no seio do contexto e padrão cultural português, a natureza e incidência do *cyberbullying*, correlacionando-o com o *bullying* tradicional e com outras variáveis tais como o suporte social, o tempo dispendido com as TIC, o conhecimento e utilização de estratégias de segurança online e a baixa frequência em partilhar com adultos incidentes de *cyberbullying*. É também pretensão do estudo saber se existem diferenças quanto ao género, idade, ano de escolaridade e média escolar dos participantes na incidência do fenómeno.

### *Do Bullying ao Cyberbullying*

O *bullying* é um comportamento de abuso de poder entre pares, que se destina intencionalmente e de um modo continuado a prejudicar outros (Olweus, 2001). Digamos que se trata da vitimização de um aluno através da exposição repetida a comportamentos negativos físicos e verbais por parte de outros alunos (Aricak et al., 2008). Tal como foi mencionado anteriormente, a definição de *bullying* assenta em três critérios ou elementos essenciais: o comportamento é negativo e agressivo, o comportamento é executado repetidamente e ocorre num relacionamento onde há um desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. O *bullying* pode ser dividido em *bullying* directo e *bullying* indirecto. O *bullying* directo é caracterizado pelo facto do *bully* atacar a vítima frente-a-frente, é visto e sentido mais facilmente e subdivide-se em *bullying* físico (empurrar, bater, dar pontapés, dar encontrões, tirar ou estragar coisas), verbal (chamar nomes, gozar de modo desagradável,

ameaçar) e sexual (tocar em partes do corpo do outro deixando-o desconfortável, gestos ordinários). A proporção de alunos vítimas de *bullying* directo diminui com o aumento dos níveis de escolaridade e idade (Olweus, 1993), porém a proporção de alunos vítimas de *bullying* indirecto aumenta com a entrada progressiva na adolescência (Bjorkquist, Osterman, & Kankeanen, 1992, cit. por Rauskukas, & Stoltz, 2007). O *bullying* indirecto ou também chamado de *bullying* social, menos perceptível portanto, é definido como a intenção de um indivíduo em dirigir comportamento agressivo a outros, perseguindo-os, danificando as suas relações sociais. Envolve o isolamento social e a exclusão intencional de um indivíduo de um grupo. O rumor, o insulto, a exclusão e os mexericos são parte integrante deste tipo de *bullying*.

O avanço das tecnologias de informação e de comunicação permitiu que o *bullying* migrasse também para o mundo virtual – *cyberbullying* - quebrando todas as barreiras de espaço físico.

#### *O Cyberbullying*

O *cyberbullying* envolve o uso de tecnologias de informação e comunicação (e-mail, telemóvel, pager, etc.) para repetida e deliberadamente promover o comportamento hostil de um indivíduo ou de um grupo para prejudicar outros (Anderson, & Sturm, 2007). Podemos afirmar que este fenómeno implica violência psicológica intencional, envolvendo comportamentos negativos como: a mentira, a ameaça, o insulto, a difamação, a intimidação, o rumor, a provocação, a exclusão, entre outros (Aricak et al., 2008). Os agressores, ao provocarem as vítimas e ao utilizarem métodos penetrantes de intimidação, têm como intenção ganhar controlo sobre as mesmas.

Willard (2006) defende que o *cyberbullying* subdivide-se em diferentes tipos e formas, distinguindo-os com base na acção que se realiza, nomeadamente: provocar, i.e., o uso de linguagem vulgar e ofensiva para com a vítima; perseguir ou assediar, ou seja, o envio repetido de mensagens desagradáveis; denegrir, i.e., a divulgação de mexericos ou mentiras sobre a vítima com o objectivo de denegrir a sua imagem e reputação; personificar, i.e., fazer-se passar pela vítima no ciberespaço ou usar o seu telemóvel para degradar o relacionamento com os seus amigos; violar a intimidade, i.e., partilhar online com terceiros os segredos, informações ou imagens embaraçosas da vítima; excluir a vítima de um grupo online de forma deliberada e cruel; e intimidar, ou seja, enviar mensagens insultuosas, desagradáveis que pretendem incutir medo ou intimidação na vítima. Segundo Smith et al. (2006) estas acções têm por base diversas ferramentas ou meios: programas de mensagens instantâneas

(MSN), mensagens de texto por telemóvel (SMS), fotografias ou vídeos realizados com câmaras de telemóvel, chamadas de telefone, e-mails, sites e páginas na Web (como o *Blog*, *Myspace*, *Hi5*, *Facebook*, etc.), salas de *chat* e jogos online.

Muitos autores encaram o *cyberbullying* como um fenómeno muito problemático e, em particular, mais problemático que o *bullying* tradicional. Garantem que a agressão e a perseguição psicológica trazem consequências muito desastrosas para os indivíduos. Stress, depressão, tensão, desconfiança, insegurança e auto-estima baixa são os sintomas mais frequentemente apresentados pelas vítimas (Anderson, & Sturm, 2007).

Apesar do *cyberbullying* poder ser encarado como a versão mais moderna do *bullying* tradicional convém mencionar as principais diferenças entre os dois fenómenos. Segundo Li (2008), os *bullies* são visíveis, enquanto o *cyberbullying* pode ser anónimo e a identidade dos *cyberbullies* desconhecida. Deste modo, o ciberespaço confere poder aos agressores, garantindo que obrigatoriamente não têm que ter uma postura mais forte que as vítimas. O *bullying* ocorre muitas vezes num lugar e tempo particular, comumente ocorre na escola, já o *cyberbullying* pode ocorrer a qualquer hora e em qualquer lugar, incluindo em casa, o que faz com que o combate a este comportamento seja muito mais difícil. A capacidade de difusão do *cyberbullying* é amplamente mais poderosa e rápida que o *bullying*. De um público mais restrito, como por exemplo no recreio da escola, passamos para um público amplo, heterogéneo e desconhecido no ciberespaço.

A expansão do *cyberbullying* tem vindo a ganhar força em vários países, constituindo um sério problema que as sociedades dos dias de hoje têm de enfrentar. Há dados que indicam que 16 crianças, por ano, no Reino Unido, vítimas de *cyberbullying*, cometem suicídio, ao que comumente se apelida de *bullycide* (Anderson, & Sturm, 2007). Mais do que um problema a nível individual, estamos perante um problema social. O *cyberbullying* traz consequências trágicas para a saúde mental dos indivíduos, danificando os seus relacionamentos e reputação social e diminuindo, portanto, a sua qualidade de vida e saúde. O *cyberbullying* é, deste modo, um problema de saúde pública (Juvonen, & Gross, 2008; David-Ferdon, & Hertz, 2007, cit. por Johnson, 2009; Mishna et. al, 2009), devendo ser também da responsabilidade de Sistemas e Serviços de Saúde, na medida em que a saúde pública é responsável pela prevenção da doença e pela promoção da saúde e eficiência física e mental dos indivíduos, mediante o esforço organizado da comunidade, tendo por base a intervenção social. Já em 1920, Wislow defendia que é responsabilidade da sociedade garantir uma estrutura e contexto social que assegure a cada indivíduo um padrão de vida adequado à manutenção da saúde.

*Os Actores envolvidos no Bullying e no Cyberbullying*

O *bullying*, como já havia sido mencionado anteriormente, trata-se de um fenómeno que tipicamente é definido como um conjunto de acções negativas deliberadas e sistemáticas que repetidamente afectam um indivíduo, o qual tem menos capacidade para se defender do agressor (Olweus, 1993). O *bullying* implica a desigualdade de força e poder entre os seus actores. Digamos que dispomos de três grandes grupos que estão envolvidos em episódios de vitimização e *bullying*, nomeadamente os *bullies* ou agressores, as vítimas e as *bully-vítimas*.

O primeiro grupo, os *bullies*, é aquele que dirige os seus comportamentos, negativos e hostis, com o intuito de provocar, humilhar ou excluir a vítima. Os *bullies* são, de um modo geral, agressivos e socialmente dominantes, dispondo de poder para denegrir a imagem de outros. No entanto, podem também ter uma auto-estima reduzida, sendo a sua agressividade fruto da necessidade de compensar a sua fraqueza. Os agressores são suficientemente hábeis em culpar as vítimas pelos seus comportamentos ou por representarem algo negativo (Roland, 2002). A posição dominante do *bully* é de alguma forma confirmada pela posição submissa da vítima (Roland, 1998, cit. por Roland, 2002).

Em constante exposição a ameaças e humilhações, as vítimas acreditam que efectivamente existe algo de errado com elas (Ross, 1996, cit. por Roland, 2002) e que são responsáveis pelo que lhes acontece. Deste modo, as vítimas são indivíduos sensíveis, respeitosos, honestos, criativos, com um grande sentido de desportivismo, um elevado nível de integridade e baixa propensão à violência (Anderson, & Smith, 2007), porém são também indivíduos que dispõem de uma auto-estima reduzida e elevados problemas emocionais.

Convém ainda mencionar a existência de um outro grupo de actores envolvidos no fenómeno *do bullying* que, apesar de poder ser constituído como um subgrupo do grupo das vítimas, trata-se de um grupo que tanto experiencia *bullying* como vitimização. As *bully-vítimas*, ou as vítimas-agressivas, apresentam riscos psicossociais mais elevados que os *bullies* ou que as vítimas, dispõem de índices elevados de internalização, rejeição de pares, um leque reduzido de amigos e défices comportamentais, como a hiperactividade (Marini et al., 2006). Segundo Salmivalli e Nieminen (2002), as *bully-vítimas* são crianças/jovens altamente agressivos que manifestam a sua agressividade reactivamente ou proactivamente.

No que concerne ao palco do *cyberbullying*, a literatura sobre o fenómeno demonstra que de um lado existem autores que defendem que o *bully*, a vítima ou a *bully-vítima* no recreio escolar serão também o *bully*, a vítima e a *bully-vítima* na plataforma online (Mitchell et al., 2007; Juvonen e Gross, 2008); do outro lado, autores que acreditam que na verdade o indivíduo que é vitimado na escola será na Internet ou no telemóvel o *cyberbully* que

perseguirá o seu agressor (Raskaukas e Stoltz, 2007). Enquanto no *bullying* a postura e robustez é determinante na constituição e atribuição de papéis, na Internet o anonimato conferido pelas novas tecnologias permite que o *cyberbully* tire vantagem. Assim, quem não se defende ou se impõe no recreio parece fazê-lo online (Hinduja, & Patchin, 2008).

Olweus (1993) defende que são os rapazes que perseguem mais e são mais perseguidos que as raparigas, sendo o *bullying* físico menos comum entre elas que tipicamente usam formas mais subtis e indirectas de perseguição (excluir alguém de um grupo, espalhar rumores, manipulação dos relacionamentos de amizade). De acordo com Nelson (2003, cit. por Li, 2005) as raparigas parecem preferir o *cyberbullying*. Lodge e Frydenberg (2007) ou Hinduja e Patchin (2008) confirmam também estes resultados – as raparigas estão envolvidas mais frequentemente em formas indirectas de *bullying*, nomeadamente o *cyberbullying*.

No entanto, o que realmente acontece aos *bullies* e às vítimas quando crescem? Será que desempenham os mesmos papéis no mundo do trabalho? E com as suas famílias? Qual o percurso destes actores que não sofreram intervenção social?

Psicólogos da Universidade do Michigan seguiram 500 alunos desde a idade dos 8 até aos 30 anos (Strom, & Strom, 2005). Trata-se de um dos grandes e raros estudos longitudinais que acompanhou o percurso dos actores do *bullying*. O estudo demonstrou que cerca de 25% dos *bullies* que na escola primária cometeram actos de *bullying* físico, aos 30 tinham cadastro e/ou comportamentos criminais. Os *bullies* dispõem de índices elevados no que concerne a despedimentos, delitos graves, condução negligente, taxas de alcoolemia, desordens de personalidade, uso de serviços de saúde mental e relacionamentos instáveis (Strom, & Strom, 2005). Segundo Bhat (2008), a impulsividade poderá ser um dos factores contributivos para a incidência do *bullying* ou do *cyberbullying*, fazendo menção às suas quatro dimensões: urgência, conjunto de premeditações, perseverança e a procura pela sensação (D’Acremont, & Van der Linden, 2005). Já Olweus (1993) defende que para percebermos a origem do fenómeno temos de olhar para factores como as características de personalidade ou padrões de reacção típicos, em estreita relação com a robustez. O autor defende também que factores ambientais como atitudes, comportamentos e rotinas de alguns adultos (nomeadamente professores e o director da escola) são determinantes na proporção que o *bullying* toma, sobretudo na sala de aula ou na escola.

Quanto às vítimas de *bullying* verifica-se que são amplamente afectadas de forma negativa no que respeita à sua auto-estima, estado emocional, desenvolvimento e funcionamento cognitivo e bem-estar (Hinduja, & Patchin, 2008). Olweus (1993) conduziu

um estudo *follow-up* na Suécia, tendo concluído que as vítimas de *bullying* na escola, normalizam de diferentes formas quando adultos. O autor defende ainda que as vítimas apresentam índices mais elevados de depressão e índices reduzidos de auto-estima. Olweus (1993) adianta que os problemas das vítimas de *bullying* são estáveis ao longo do tempo. Ser vítima de *bullying* pode durar muito tempo, por vezes, vários anos. Deste modo, os alunos, vítimas de *bullying* na escola, continuam a ser vítimas de *bullying* em adultos. As consequências da vitimização são nefastas para os indivíduos, persistindo ao longo dos anos.

E os *cyberbullies* e as *cybervítimas*? Que características temperamentais apresentam? Que efeitos é que o *cyberbullying* tem nestes actores? Serão esses efeitos paralelos aos do *bullying*?

Segundo Li (2006), quase metade das vítimas de *cyberbullying* dispõem de resultados escolares abaixo da média, enquanto que apenas menos de 1/3 dos *cyberbullies* dispõem de resultados escolares abaixo da média. Estes dados demonstram que são as vítimas de *cyberbullying* que academicamente são mais afectadas pelo fenómeno.

Ybarra *et. al* (2006) defendem que as vítimas de perseguição via Internet têm uma predisposição mais elevada para perseguir outros online, ter problemas sociais e ser vitimizado em outras situações.

O estudo de Kowlaski e Limber (2007) e de Kowalsky, Limber e Agatston (2008) demonstrou a existência de uma correlação entre ansiedade social, auto-estima e *cyberbullying*. Utilizando a Interaction Anxiousness Scale de Leary e a Self-Esteem Scale de Rosenberg, concluíram que as vítimas de *cyberbullying* apresentam índices mais elevados de ansiedade social do que as crianças não envolvidas no fenómeno. As crianças não envolvidas em episódios de *cyberbullying*, por sua vez, têm uma auto-estima mais elevada do que as *cybervítimas*, *cyberbullies* ou *cyberbully-vítimas*. Concluem ainda que as *cybervítimas* e as *cyberbully-vítimas* apresentam resultados mais elevados de ansiedade social e resultados mais baixos de auto-estima do que os *cyberbullies*.

Kowalsky e Witte (2006; cit. por Kowalsky, Limber, & Agatston, 2007) acrescentam que as *cybervítimas* relatam sentirem-se zangados, tristes, deprimidos, magoados, stressados, desamparados, sozinhos e confusos; e os *cyberbullies* sentem-se agressivos, vingativos, felizes e contentes. No entanto, num dos quatro *focus group* realizados pelos autores com um *cyberbully*, os dados demonstram que ele sentia culpa e remorso, na medida em que os seus pais perderam a confiança nele e ele sabe que para a recuperar, não calcula quanto tempo levará.

Em suma, as vítimas de *cyberbullying* apresentam sintomas muito parecidos às vítimas de *bullying*, nomeadamente relatam sentimentos de depressão, auto-estima baixa, desamparo, ansiedade social, concentração reduzida, alineação e ideação suicida (Kowalsky, Limber, & Agatston, 2007). O estado de humor, os relacionamentos e a prestação na escola das vítimas de *cyberbullying* são amplamente atingidos.

Os *cyberbullies* partilham de igual modo características com os *bullies* nomeadamente são ambos agressivos, vingativos e tem poder para denegrir a imagem de outros.

As *cyberbully-vítimas* apresentam níveis mais elevados de ansiedade social e níveis mais baixos de auto-estima, em comparação com os *cyberbullies*.

Apesar de não existirem ainda estudos longitudinais que forneçam dados sobre os efeitos a médio e longo-prazo do *cyberbullying* nos indivíduos, Ybarra e Mitchell (2004) acreditam que os seus efeitos a longo-prazo são piores e mais graves que os efeitos causados pelo *bullying* tradicional. Uma das razões apontadas é a de que os adolescentes não podem escapar ao *cyberbullying*.

#### *Prevalência do Cyberbullying no Mundo*

Apesar de ser um fenómeno recente, o *cyberbullying* tem vindo já a ser estudado em muitos países. Emergem dados de prevalência e incidência do fenómeno de todos os cantos do mundo. Destacam-se, entre outros, os estudos conduzidos por Kowalski e Limber (2007) ou Juvonen e Gross (2008) nos Estados Unidos da América (EUA), a investigação de Lodge e Frydenberg (2007) na Austrália, os estudos de Aricak et al. (2008) na Turquia, a investigação de Ortega, Calmaestra e Merchán (2008) em Espanha, o estudo de Li (2008) no Canadá e na China e a investigação de Almeida et al. (2008) em Portugal.

Kowalski e Limber (2007) conduziram um estudo em seis escolas primárias e básicas da região sudeste e noroeste dos EUA, abrangendo os alunos que frequentavam o 6º, 7º e 8º anos de escolaridade (N=3767). Os autores concluíram que 11% dos alunos foram vítimas de *cyberbullying* pelo menos uma vez nos últimos dois meses, 7% eram bully-vítimas e 4% terão perseguido alguém pelo menos uma vez nos últimos dois meses.

Também Rauskukas e Stoltz (2007) demonstram que as estatísticas sobre o fenómeno são preocupantes. Num total de 84 participantes, com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos, os autores concluíram que 41 participantes relataram terem sido vítimas de *cyberbullying* e 18 participantes revelaram serem *cyberbullies*. A forma mais comum de vitimização online eram as mensagens de texto (32,1%), seguindo-se os websites ou salas de chat (15,5%).

Juvonen e Gross (2008) levaram também a cabo um estudo sobre a incidência do *cyberbullying* nos EUA., estando os 50 estados representados na amostra. Num total de 1454 alunos, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos de idade, os dados revelam que 72% dos participantes relatou ter estado envolvido em pelo menos um incidente online, sendo a forma mais comum de *cyberbullying* os insultos (66%) e o roubo de password (33%).

No estudo de Dehue, Bolman e Völlink (2008), em 67 escolas primárias e 7 escolas secundárias (N=1211), os dados revelam que 16% dos alunos eram *cyberbullies* (17,1% frequentavam a escola primária e 13,5% a escola secundária), 22% foi vítima de *cyberbullying* pelo menos uma vez durante o ano lectivo 2007/2008 (23,4% pertenciam a escolas primárias e 18,6% pertenciam à escola secundária). A forma mais comum de *cyberbullying* entre os *cyberbullies* e entre as *cybervítimas* foi o MSN (13% e 15%) e os insultos (11,7% e 14,4%).

Lodge e Frydenberg (2007) conduziram um estudo em três escolas estatais na área metropolitana de Melbourne, na Austrália. Num total de 652 jovens, com idades compreendidas entre os 11 e os 17 anos, os autores concluíram que 21% (n = 134) revelou ter sido vítima de *cyberbullying* no ano académico presente, sendo que 30% indicou ter recebido mensagens desagradáveis de pares via e-mail ou SMS, várias vezes.

Na Turquia, Aricak et al. (2008) conduziram um estudo em diferentes escolas de Istambul, três eram escolas públicas e uma era privada. Os alunos tinham idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos de idade e frequentavam o 6º, 7º, 8º, 9º e 10º ano (N=269). Os autores concluíram que 36,1% dos participantes relataram terem estado expostos a comportamentos de *cyberbullying*, sendo que 20,2% foram insultados via Internet e 22,8% foram ameaçados via telemóvel. A forma mais comum de *cyberbullying* foram os insultos (20,2%), ora via Internet ora via telemóvel, e as ameaças (18,6% via Internet e 20,2% via computador). 59,5% dos alunos confessou que diziam coisas online que não o diriam frente-a-frente, 26,8% relatou que contavam mentiras online, 13% enviou e-mails infectados e 6,7% confessou ter divulgado fotografias de outros sem o seu consentimento.

O estudo de Ortega, Calmaestra e Merchán (2008) em escolas secundárias públicas da cidade de Córdoba, em Espanha, revelou mais uma vez a transcendência do fenómeno. Numa amostra composta por 830 alunos, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, os autores concluíram que 26,6% dos participantes esteve directamente envolvido em episódios de *cyberbullying*, 3,8% estiveram implicados na vertente severa de *cyberbullying* (1,7% como agressores, 1,5% como vitimas e 0,6% como *bully-vítimas*) e 22,8% na vertente moderada ou ocasional (5,7% como agressores, 9,3% como vitimas e 7,8% como *bully-vítimas*).

Li (2008) interessou-se por comparar a incidência e natureza do *cyberbullying* em dois países cultural e politicamente diferentes. Deste modo, recolheu dados no Canadá e na China. Na amostra canadiana (N=157), os alunos frequentavam duas escolas básicas de uma cidade de grandes dimensões da zona oeste do país e tinham idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos. Na amostra chinesa (N=202), os alunos foram recrutados de duas escolas secundárias de uma cidade de grandes dimensões da zona sudeste do país e tinham idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos. Os dados demonstraram que 25% dos alunos canadianos e 33% dos alunos chineses eram *cybervítimas*, 15% dos alunos canadianos e 7% dos alunos chineses eram *cyberbullies*. Convém ainda acrescentar que 54% dos alunos canadianos e 47% dos alunos chineses ouviram falar sobre o fenómeno. Podemos concluir que 1 em 4 alunos canadianos e 1 em cada 3 alunos chineses relataram terem sido vítimas de *cyberbullying*.

O estudo de Patchin e Hinduja (2006) é um dos estudos transversais que reúne participantes de diferentes países (59,1% eram oriundos dos EUA, 12% do Canadá e 9,1% do Reino Unido). Os dados demonstram que 11% dos respondentes com idade inferior a 18 anos confessou ter perpetuado *cyberbullying*, 29% revelou ser alvo de *cyberbullying* e 47% indicou ter observado *cyberbullying* quando estava online. Entre as vítimas, a ferramenta mais utilizada eram as salas de *chat* (21,9%), as mensagens instantâneas (13,5%) e o e-mail (12,8%). Os *cyberbullies* revelaram cometer os actos de *cyberbullying* via salas de *chat* (7,6%) e programas de mensagens instantâneas (5,2%).

Não obstante, Almeida et al. (2008) interessaram-se por identificar em que medida o recurso a práticas de *bullying* através das novas tecnologias estão relacionados com padrões de empatia e descomprometimento moral em agressores, vítimas e observadores. O estudo reúne participantes de duas cidades do Norte e Sul do país, que frequentavam o 7º, 8º e 9º ano de escolaridade. Os dados revelam que, via telefone, 6% das raparigas e 3% dos rapazes relataram terem sido vítima de *bullying*, e 3% das raparigas e 5% dos rapazes afirmaram terem cometido actos de *bullying*; via internet, 6% das raparigas e 4% dos rapazes referiram que estiveram envolvidos em episódios de *cyberbullying* enquanto vítimas, e 2% e 4%, respectivamente, enquanto *bullies*. Deste modo, os autores concluem que o *cyberbullying* é efectivamente um fenómeno emergente, no entanto os jovens parecem não estar informados e conscientes do seu impacto.

Podemos concluir que os resultados apresentados são preocupantes nos mais diversos países, não sendo o padrão cultural uma barreira ao envolvimento no *cyberbullying*. Verificamos que os EUA, o Canadá e a Austrália apresentam os níveis mais elevados de vitimização através das TIC. No entanto, os resultados encontrados em Portugal por Almeida

et al. (2008) estão próximos dos resultados apresentados por Ortega, Calmaestra e Merchán (2008) em Espanha. O *cyberbullying* é um fenómeno transversal presente em quase todas as sociedades do mundo moderno.

#### *Cyberbullying e Bullying Tradicional*

Muitos são os autores que nas suas investigações correlacionam o *cyberbullying* com o *bullying* escolar e/ou tradicional. Acreditam que existe uma forte correlação entre os dois fenómenos, adiantando que o *bullying* poderá conduzir a episódios de *cyberbullying*.

Raskaukas e Stoltz (2007) conduziram um estudo com o principal intuito de examinar a relação entre o envolvimento dos indivíduos em episódios de *bullying* e em episódios de *cyberbullying*. Concluíram que aqueles que confessaram serem vítimas via Internet ou telemóvel estavam também envolvidos em episódios de *bullying*, enquanto *bullies*. Os autores confirmam assim a hipótese de que existe uma correlação entre *bullying* e *cyberbullying*. As vítimas de *bullying* percebem que as tecnologias de informação e comunicação lhes proporcionam o anonimato que precisam para iniciarem a provocação e intimidação para com os *bullies*. Deste modo, as vítimas no recreio escolar são agora os *bullies* no computador ou no telemóvel.

Contudo, existem outros autores, tal como se referiu anteriormente, que defendem que o ciberespaço é mais um meio para o *bully* perpetuar os seus abusos, provocações e intimidações. Mitchell et al. (2007) concluíram que a vitimização interpessoal online está relacionada com a vitimização offline. Deste modo, os participantes que relataram vitimização online no ano passado, quase  $\frac{3}{4}$  relataram igualmente um tipo de vitimização offline. Os autores adiantam ainda que algumas das características dos jovens vitimizados (como sentirem-se isolados, incompreendidos ou angustiados) podem influenciar a segurança online, comprometendo a sua capacidade para resistir ou dissuadir a vitimização, fazendo com que sejam alvos mais vulneráveis (Finkelhor, & Asdigian, 1996, cit. por Mitchell et al., 2007).

Também Juvonen e Gross (2008) concluíram que o *bullying* escolar e o *cyberbullying* são similares e as experiências coincidem nos dois contextos. Acrescentam que o ciberespaço é usado como um fórum que extravasa o recreio e que metade dos jovens suspeita que os seus agressores seriam pares da escola.

Deste modo, os agentes implicados em episódios de *bullying*, enquanto *bullies*, também estão envolvidos em actos de *cyberbullying*, enquanto *cyberbullies* (Dehue, Bolman, & Völlink, 2008; Li, 2008; Ortega, Calmaestra, & Méchan, 2008).

Na literatura existem portanto duas posições distintas em relação à similaridade entre o *bullying* e o *cyberbullying*. Uns defendem que o *bully* na escola é a vítima online ou a vítima na escola é o *bully* online, e outros enfatizam que a vítima na escola continuará a ser a vítima no computador ou no telemóvel, assim como o *bully* na escola é o *cyberbully*. Digamos que de um lado da moeda estão autores, como Raskaukas e Stoltz (2007), que acreditam que há uma troca de papéis; do outro lado, autores, como Mitchell et al. (2007), que defendem que as TIC são apenas mais um meio para os *bullies* perseguirem as suas vítimas.

#### *Cyberbullying e Relutância em Contar a Adultos*

A literatura enfatiza que a maioria dos jovens demonstra relutância em partilhar com adultos o envolvimento em episódios de *cyberbullying*. Apesar de acreditarem, de um modo geral, nas boas intenções dos adultos em parar a provocação, insulto, intimidação e/ou ameaça online, confessam que não dão ou não dariam o passo de partilhar com eles a vitimização de que são ou seriam alvo.

Os dados de Li (2005) revelam que 67,1% dos participantes acreditam que os adultos tentam parar o *cyberbullying* quando informados, no entanto apenas 34,1% das *cybervítimas* disse que contaria a um adulto o incidente. Assistimos deste modo a uma grande discrepância entre a percepção dos jovens em relação às intenções dos adultos e as suas intenções em contar que são vítimas de *cyberbullying* aos mesmos. A grande maioria dos jovens, apesar de acreditar na boa fé dos adultos em ajudá-los, não revela que tem vindo a ser vitimada.

Kowalski e Limber (2007) concluem também a existência de uma relutância por parte dos alunos em revelar aos seus pais que são vítimas de *cyberbullying*. 90% da amostra de Juvonen e Gross (2008) disse que raramente contariam a uma adulto as suas experiências online.

Aricak et al. (2008) adiantam de igual modo que os alunos contam aos seus amigos que são vítimas de *cyberbullying* mas oferecem alguma resistência em contar às famílias e professores.

Li (2008), no estudo que conduziu no Canadá e na China, conclui que os alunos chineses acreditam mais que os alunos canadianos que os adultos nas escolas tentarão combater o *cyberbullying* e apresentam uma predisposição mais elevada para partilharem com um adulto o seu envolvimento em incidentes de *cyberbullying*. Mais, os alunos chineses apresentam uma predisposição mais elevada para partilharem com um adulto incidentes de *cyberbullying*, ora enquanto vítimas ora enquanto espectadores.

Deste modo, parece ser unânime, entre os diferentes autores, que as *cybervítimas*, apesar de acreditarem que os adultos são um suporte social de confiança, não tomam a iniciativa para revelar o seu envolvimento no *cyberbullying*. Estamos perante uma lacuna. Não existem explicações na literatura que clarifiquem a discrepância que existe entre as crenças dos jovens e o seu comportamento.

#### *Cyberbullying e Tempo Dispendido Online*

O *cyberbullying* aparece em alguns estudos relacionado com o tempo que os indivíduos dispendem com as tecnologias de informação e comunicação. Nomeadamente, Aricak et al. (2008) concluíram que quanto mais tempo os alunos dispenderem online, mais e-mails infectados enviam e mais insultos e provocações fazem. A habilidade de interagir anonimamente na Internet contribui para uma auto-consciência baixa dos indivíduos, fazendo com que reajam impulsivamente e agressivamente para com outros indivíduos online.

#### *Cyberbullying e Conhecimento da Identidade do Agressor*

À semelhança do que tem vindo a ser mencionado, as tecnologias de informação e comunicação permitem o anonimato do agressor, protegendo a sua identidade. Deste modo, alguns autores interessaram-se por analisar e perceber se o envolvimento em episódios de *cyberbullying* pode estar correlacionado com o facto das *cybervítimas* desconhecerem a identidade dos *cyberbullies*. Li (2005) conclui que 40,9% das vítimas não tinham ideia de quem seria o agressor. Mais, 90% da amostra de Wolak, Finkelhor e Mitchell (2007) foi perseguida online, sendo que 43% por pares conhecidos e 57% por outros contactos online. A maioria dos participantes desconhecia a identidade do provocador. Os autores defendem ainda que os participantes que desconheciam a identidade do provocador revelam alterações no seu estado emocional, sendo a angústia o estado mais comum; e os participantes que conheciam o agressor revelam sobretudo distúrbios ao nível de comportamentos e relacionamentos sociais, nomeadamente a agressividade e conflito.

Os dados da investigação de Kowalski e Limber (2007) demonstram que quase metade das vítimas de *cyberbullying* desconhecia a identidade da pessoa que electronicamente os perseguiu.

Deste modo podemos afirmar que os *cyberbullies* beneficiam do anonimato, conferindo ao *cyberbullying* o papel de um fenómeno transcendente, que extrapola os limites da segurança.

*Cyberbullying e Suporte Social*

Alguns autores têm sugerido que, no âmbito da temática do *bullying*, a percepção de suporte social parece estar correlacionado positivamente com o ajustamento e resultados de saúde mental (House et al., 1988; Sarason et al., 1990; cit. por Rigby, 2000). O suporte social é um conceito multifacetado que pode incluir a concessão de assistência material, i.e., levar a cabo um conjunto de acções para que o indivíduo atinja os seus objectivos; apoio cognitivo, ou seja, ajudar o indivíduo a reflectir sobre o problema; e apoio emocional ou afectivo, i.e., a demonstração de aceitação ou amor pelo outro (Kahn, & Antonucci, 1980; cit. por Rugby, 2000). Crê-se que os indivíduos que são mais vitimizados pelos seus pares e que têm uma percepção menos positiva de suporte social terão obviamente níveis mais reduzidos de bem-estar. No estudo conduzido por Ribgy (2000), o autor concluiu que a saúde mental dos jovens está relacionada com o nível de *bullying* que experienciam na escola e também com a proporção de confiança que têm em que, quando têm algum problema, podem contar o apoio de outros (suporte social). Os indivíduos que relatam terem sido vítimas de *bullying* frequentemente e têm um suporte social reduzido estão em risco de saúde mental. Assim, os jovens que têm pouco ou nenhum suporte social estão claramente mais vulneráveis a serem atacados por *bullies* (Rigby, 2000). O autor acrescenta ainda que os adolescentes vitimizados são muitas vezes desprezados pelos outros, sendo vistos como covardes e como amigos pouco atraentes (Rigby, & Slee, 1993). Segundo o estudo, poucos jovens vêem os seus professores como fontes e recursos de suporte social, estando este suporte relacionado positivamente com a saúde mental dos adolescentes e, por conseguinte, com o seu bem-estar. Rigby (2000) acrescenta ainda que evidentemente os jovens procuram ajuda entre os seus colegas, sendo uma pista e constatação importante para as escolas na implementação de programas de apoio entre pares (Cowie, & Sharp, 1996; cit. por Rigby, 2000).

Williams e Guerra (2007) concluíram também que a percepção dos pares como suporte social está relacionada com o *cyberbullying* e igualmente com o *bullying* físico e verbal. Assim, os jovens que percebem os seus amigos como pessoas de confiança apresentam índices mais reduzidos de participação nas três formas de *bullying*. Os resultados demonstram ainda que o *bullying* (físico, verbal e via Internet) está correlacionado com sua aprovação moral por parte dos indivíduos e, em particular, com o comportamento negativo dos *bystanders*. A percepção do clima escolar, segundo o estudo, parece ser também um preditor do *bullying* e do *cyberbullying*. Deste modo, os jovens que percebem o clima escolar como um clima de confiança, de justiça e de prazer (clima positivo) apresentam taxas reduzidas de envolvimento em episódios de *bullying*, quer físico, quer verbal, quer online. Por

consequente, estes autores concluíram que os factores chave do *bullying* tradicional predizem também o *cyberbullying*.

O Suporte Social deve ser visto como uma plataforma de segurança social e emocional, sem o qual a saúde mental e psíquica do indivíduo está comprometida. Acredita-se que se os jovens tiverem entre a família e os professores um suporte social elevado, estarão mais protegidos do que aqueles que têm um suporte reduzido. Deste modo, convém referir que o Suporte Social poderá ser uma chave importante na prevenção do *cyberbullying*.

### *Objectivos e Hipóteses*

A presente investigação tem como principais objectivos caracterizar e descrever, no seio do contexto e padrão cultural português, a natureza e incidência do *cyberbullying*, correlacionando-o com aspectos essenciais, como o *bullying* tradicional, o suporte social, o tempo dispendido com as tecnologias de informação e comunicação e o conhecimento e utilização de estratégias de segurança online.

É também pretensão do estudo averiguar se existem diferenças na incidência do fenómeno quanto ao género, idade, ano de escolaridade e média escolar dos participantes.

Deste modo, a primeira hipótese (H1) é a de que existirá uma correlação entre o *bullying* tradicional e o *cyberbullying*. Os participantes implicados em episódios de vitimização offline estarão igualmente envolvidos em situações de vitimização online, quer como *cyberbullies*, quer como *cybervítimas*.

No que respeita à segunda hipótese (H2), acredita-se que existirá uma correlação entre ser-se *cyberbully* ou *cyber-vítima* e o tipo de suporte social. Assim, os jovens que dispõem de suporte social reduzido ou que não dispõem de nenhum suporte social, serão os mais vitimizados.

Crê-se igualmente que o tempo dispendido online e a falta de conhecimento e a não utilização de estratégias de segurança potenciarão a exposição e experimentação de episódios de *cyberbullying* (H3). Deste modo, os indivíduos que utilizam mais vezes e durante mais tempo as TIC, que desconhecem e não utilizam as estratégias de segurança online apresentarão índices mais elevados de vitimização online. Os indivíduos que conduzem as provocações online, por sua vez, serão aqueles que conhecem mais estratégias de segurança e garantia do anonimato e que se sentem mais familiarizados e disponibilizam mais tempo na utilização da Internet e do telemóvel.

Por último, existirão diferenças quanto à relação existente entre experiências de *cyberbullying* e o género dos participantes (H4). Deste modo será o grupo feminino o grupo

mais implicado em episódios de *cyberbullying*, i.e., serão as raparigas a apresentar índices mais elevados de envolvimento no fenómeno, enquanto *cyberbullies*.

Crê-se que o presente estudo, ao explorar e descrever o *cyberbullying*, poderá dar um contributo útil na caracterização do fenómeno em Portugal e no desenvolvimento de modelos de prevenção e intervenção. O *bullying*, o suporte social, o conhecimento e utilização de estratégias de segurança online, o tempo que dispendem diariamente com as tecnologias de informação e comunicação, a partilha com adultos que estão envolvidos no fenómeno, entre outros, são factores que serão tomados em consideração aquando da análise do *cyberbullying*. Espera-se que esta investigação enriqueça a ciência, alargando os limites de conhecimento sobre o fenómeno em Portugal, nomeadamente no que respeita às suas características e aos factores a ele associados.

## Método

O presente estudo trata-se de um estudo exploratório e descritivo do fenómeno *cyberbullying* numa amostra da população escolar do 5º ao 12º anos de escolaridade.

### *Amostra*

A amostra é composta por 115 alunos dos distritos de Braga, Castelo Branco, Évora, Faro, Leiria, Lisboa, Madeira, Porto, Santarém, Setúbal, Viana do Castelo e Viseu. A maioria dos participantes pertence ao distrito do Porto (45,2%) e ao distrito de Lisboa (28,7%).

1,7% dos alunos frequentam o 5º ano, 2,6% frequentam o 6º, 3,5% o 7º, 22,6% o 8º, 20% o 9º, 16,5% o 10º ano, 11,3% frequentam o 11º e 21,7% o 12º ano de escolaridade e têm idades compreendidas entre os 10 e 26 anos ( $M = 15,46$ ;  $SD = 2,559$ ).

62,6% alunos são do sexo feminino ( $n = 72$ ) e 37,4% alunos são do sexo masculino ( $n = 43$ ). 59,1% dos alunos revelou ter uma média escolar na média, 34,8% considera que a sua média está acima da média e apenas 6,1% dos participantes revelou que a sua média está abaixo da média. 94,8% dos alunos afirmou que o Português é a sua primeira língua.

### *Instrumento*

O material é composto por um questionário, o qual está dividido em 6 partes, correspondendo a primeira à informação demográfica, a segunda a itens de *bullying* e *cyberbullying* na perspectiva da vítima, a terceira a itens de *bullying* e *cyberbullying* na perspectiva do *bully*, a quarta a itens de *bullying* e *cyberbullying* com o intuito de averiguar se o participante conhece alguém que tenha sido vítima de ambas as formas de *bullying*, a quinta parte corresponde a informação sobre hábitos de utilização das TIC e conhecimento de estratégias de segurança online e a sexta parte a itens sobre suporte social.

Com a realização do pré-teste procedeu-se a alterações na estrutura do questionário, de modo a incrementar o instrumento e, por conseguinte, a investigação. Assim, foi eliminada a questão: “O que fizeste?”, enquadrada na 2ª parte do questionário, cujas opções de resposta eram: fingi que ignorei; ignorei; contei a outras pessoas; mudei de e-mail ou de número de telemovel; ameacei, insultei ou agredi o provocador; bloqueei o agressor no MSN; eliminei todas as SMS ou e-mails do agressor. Convém ainda dizer que foi acrescentado ao questionário a questão: “Contáste a alguém que foste/és vítima de *Bullying*?”, cujas opções de resposta são: “Não” ou “Sim”; se sim, a “Quem?” (Família, Amigos/Colegas, Professores), tanto na 2ª parte, como na 3ª parte. Para a pergunta “Em média, por dia, quantas horas

despendes com” foi estabelecida uma escala de resposta “0h, menos do 1h, 1 a 3h, 3 a 5h, 5h ou mais”.

*Bullying.* A escala que aborda a temática do *bullying* constitui uma adaptação da escala utilizada por Solsberg e Olweus (2003) e está presente em três partes: a 2ª parte corresponde a itens cujo foco de interesse é a perspectiva da vítima, na 3ª parte o foco de interesse é a perspectiva do bully e na 4ª parte os *bystanders*. Na abordagem ao fenómeno do *bullying* foi perguntado aos participantes se alguma vez foram deixados de fora de um grupo ou ignorados na escola (*bullying* social), se alguma vez foram empurrados, lhes deram pontapés, encontrões ou lhes tiraram as coisas na escola (*bullying* físico), se alguma vez foram tocados em partes do corpo que os deixassem desconfortáveis ou se já lhes fizeram gestos ordinários (*bullying* sexual) e se alguma vez lhes chamaram nomes ou foram gozados e ameaçados na escola (*bullying* verbal). Numa escala de 4 pontos, os participantes teriam que optar entre “Nunca”, “Apenas 1 ou 2 vezes”, “2 a 3 vezes num mês” e “1 vez por semana ou mais”. Estamos perante *bullying* quando os inquiridos respondem “2 a 3 vezes num mês” ou “1 vez por semana ou mais”. Deste modo, teve-se em consideração a escala de resposta e respectiva interpretação utilizada por Olweus nas suas investigações.

*Cyberbullying.* Relativamente ao questionário construído para a presente investigação, o mesmo está patente na 2ª, 3ª e 4ª parte, cada uma com um foco de interesse distinto (*cybervítima*, *cyberbully* e *bystander*). Numa escala de 4 pontos (“Nunca”, “Apenas 1 ou 2 vezes”, “2 a 3 vezes num mês” ou “1 vez por semana ou mais”) os indivíduos têm que responder se alguma vez alguém entrou nas suas contas de e-mail e se se fizeram passar por eles, enviando aos seus contactos e-mails insultuosos (personificar); se alguma vez receberam SMS ou e-mails com o objectivo de serem ameaçados (intimidar); se alguma vez alguém partilhou com outras pessoas na Internet informação íntima sobre eles que os deixassem embaraçados (violar a intimidade); se alguma vez receberam SMS ou e-mails insultuosos repetidamente (perseguir); se alguma vez receberam ou viram *postadas* online mentiras sobre eles (denegrir); se alguma vez foram ofendidos através da Internet ou do telemóvel (provocar); e se alguma vez foram excluídos de um jogo ou de um grupo online (excluir) (adapt. da definição de Willard, 2006). As mesmas questões foram colocadas na terceira parte e quarta parte, sendo obviamente enquadradas e adequadas à perspectiva do *cyberbully* e na perspectiva do conhecimento de alguém vítima de *cyberbullying*. Deste modo, e para exemplificar, o item “Alguma vez foste excluído/a de um jogo ou de um grupo online?” (perspectiva da *cybervítima*) foi, na perspectiva do *cyberbully*, alterado para “Alguma vez excluístes alguém de um jogo ou de um grupo online?”, e no caso de conhecimento de alguém

que tenha sido vítima de *cyberbullying* foi modificado para “Foi excluído/a de um jogo ou de um grupo online?”. Consistindo numa adaptação da escala utilizada por Wolak, Finkelhor e Mitchell (2008) foi perguntado aos participantes através de que meios foram provocados, perseguidos, excluídos ou ameaçados; através de que meios provocaram, perseguiram, excluíram ou ameaçaram; ou através de que meios a vítima de *cyberbullying* foi provocada, perseguida, excluída ou ameaçada. As opções de resposta eram: telemóvel, MSN, e-mail, salas de chat, jogos ou grupos online, ou outro meio. Na perspectiva da cybervítima foi perguntado aos participantes se sabiam quem era o provocador (Não/Sim – Quem?) – adaptado da escala de Li (2007) – se haviam contado a alguém que eram vítimas de *bullying* (Não/Sim, e se Sim a quem? Família, amigos/colegas e/ou professores) e se o facto de ser ou ter sido vítima de *cyberbullying* tem ou teve consequências na sua vida (Não/Sim). Na perspectiva do *cyberbully* foram colocadas as seguintes questões: “Contaste a alguém que cometeste esses actos?” (Não/Sim – quem?); e “Alguém fez alguma coisa para parar as tuas provocações/ameaças/insultos?” (Não/Sim – quem) – adaptado da escala utilizada por Dehue, Bolman e Völlink (2008). No âmbito da quarta parte, com o intuito de saber se os participantes conheciam alguém que tenha sido vítima de *cyberbullying*, foi perguntado se quando tiveram conhecimento que essa pessoa era vítima de *bullying* se fizeram alguma coisa para parar a provocação (Não/Sim – o quê?) – adaptado da escala utilizada por Li (2007) - e se os adultos, quando têm conhecimento que alguém está a ser vítima de *bullying*, tentam pôr fim à provocação (Não/Sim – o quê?) – adaptado da escala utilizada por Strom e Strom (2005).

*Suporte Social.* Em relação à percepção de suporte social dos alunos da sua família, amigos, colegas e professores foi utilizado a escala utilizada por Carvalhosa (2008). Foi perguntado aos alunos “Com que à vontade se sentiam para falar sobre os problemas que os preocupavam com o pai, padrasto (ou namorado da mãe), mãe, madrasta (ou namorada do pai), irmão(s) mais velho(s), irmã(s) mais velha(s), melhor amigo, amigos do mesmo sexo e amigos do sexo oposto”. Os participantes teriam de situar a sua resposta entre “Muito fácil”, “Fácil”, “Difícil”, “Muito Difícil”, “Não tenho ou não vejo esta pessoa”. A segunda questão colocada aos jovens era de quantos bons amigos tinham. Em relação aos amigos a resposta poderia ser “Nenhum”, “Um”, “Dois” ou “Três ou mais” e em relação às amigas a resposta poderia ser “Nenhuma”, “Uma”, “Duas” ou “Três ou mais”. No que diz respeito aos colegas de turma<sup>1</sup> teriam que assinalar a resposta mais indicada (“É sempre verdade”, “A maior parte

---

<sup>1</sup>  $\alpha = .61$

das vezes é verdade”, “Não é verdadeiro nem falso”, “A maior parte das vezes é falso” e “É sempre falso”) para as seguintes frases, nomeadamente: “Os alunos da minha turma gostam de estar juntos”, “A maior parte dos meus colegas são simpáticos e prestáveis” e “Os meus colegas aceitam-me como sou”. Para abordar a relação que os alunos tinham com os seus professores<sup>2</sup>, foi-lhes pedido que assinalassem a resposta mais indicada (“Acontece muitas vezes”, “Não sei se acontece” e “Acontece poucas vezes”) para as frases: “Sou encorajado a expressar os meus pontos de vista na aula”, “Os professores tratam-nos com justiça”, “Quando preciso de ajuda posso tê-la” e “Os professores interessam-se por mim como pessoa”.

*Hábitos do uso das TIC.* Adaptado de Wolak, Finkelhor e Mitchell (2008) foi perguntado aos participantes quanto tempo despendiam, em média, por dia, com: o telemóvel, a Internet, o MSN ou Salas de *Chat*, os Jogos online, o Jornal ou *Blog* online, o *Myspace/Hi5/Facebook*, webcams, conversas online com amigos, conversar online com desconhecidos e perseguição de outros online. As opções de resposta eram: 0h, <1h, 1-3h, 3-5h, 5h ou +. Foi pedido ainda que ordenassem por ordem de preferência o telemóvel e a Internet; e que dissessem onde habitualmente acediam à Internet (“Em casa”, “Na escola”, “Em casa de amigos” ou “Via telemóvel”). Para aceder ao conhecimento e utilização de estratégias de segurança online, foi perguntado aos participantes se conheciam estratégias de segurança no ciberespaço; e se sim, quais é que seriam para eles estratégias de segurança e quais é que foram utilizadas (“Usar software que nos proteja de conteúdos indesejáveis”, “Nunca abrir links ou anexos de pessoas desconhecidas”, “Não partilhar informação pessoal com desconhecidos”, “Evitar ter conversas privadas com pessoas desconhecidas”, “Bloquear ou não adicionar e-mails desconhecidos”, “Contactar o servidor quando se é perseguido online”, “Contar a adultos quando se é perseguido online” e “Mudar o *nickname* ou de e-mail quando se é perseguido”). De modo a colmatar algumas lacunas existentes nos estudos já realizados foi perguntado através de uma questão aberta aos participantes se conheciam mais estratégias de segurança do que as haviam utilizado na última semana e porque é que não utilizaram todas.

*Características Demográficas.* Foi pedido aos participantes que indicassem qual o sexo; a idade; o ano de escolaridade que frequentavam; o nível em que se encontra a sua média escolar; o distrito onde residiam; e se o português era a primeira língua.

---

<sup>2</sup>  $\alpha = .84$

### *Procedimento*

O pré-teste foi realizado online, na plataforma e-Surveys Pro, sendo o questionário enviado por e-mail aos participantes. Foi preenchido na semana do Mês de Abril. As respostas ficavam retidas numa base de dados da base online, sendo posteriormente encaminhadas para uma base de dados do SPSS.

Para a realização do estudo, foi pedida autorização à Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC), aprovando a mesma entidade o questionário e, por conseguinte, a investigação.

Das 29 escolas contactadas<sup>3</sup> aceitaram participar a Escola E. B. 2 e 3 Maria Lamas e a Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Dr. Augusto César Pires de Lima. Foram entregues 365 questionários, foram recolhidos 16, sendo a taxa de resposta aproximadamente de 4,4%. Deste modo, optou-se por continuar a investigação através de uma plataforma online, nomeadamente a utilizada no pré-teste (e-Surveys Pro). O questionário online foi divulgado através de e-mail e através de um site estratégico, nomeadamente o hi5.

Os questionários aplicados em versão papel aos alunos da Escola E. B. 2 e 3 Maria Lamas e da Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Dr. Augusto César Pires de Lima decorreram na semana de 25 de Maio a 20 de Junho de 2009 em situação de aula. Os questionários aplicados online decorreram de 1 de Julho a 13 de Setembro de 2009.

---

<sup>3</sup> Escola Secundária com 3º Ciclo João Gonçalves Zarco, Escola Secundária com 3º Ciclo Augusto Gomes, Escola Secundária com 3º Ciclo Abel Salazar, Escola Secundária com 3º Ciclo da Senhora da Hora, Escola Secundária com 3º Ciclo do Ensino Básico Alexandre Herculano, Escola Secundária com 3º Ciclo do Ensino Básico Rodrigues de Freitas, Escola Secundária com 3º Ciclo do Ensino Básico Fontes Pereira de Melo, Escola Secundária com 3º Ciclo do Ensino Básico António Nobre, Escola Secundária com 3º Ciclo do Ensino Básico Clara de Resende, Escola Secundária com 3º Ciclo do Ensino Básico Aurélia de Sousa, Escola Secundária com 3º Ciclo do Ensino Básico Carolina Michaelis, Escola Secundária com 3º Ciclo do Ensino Básico D. Filipa de Vilhena, Escola Secundária com 3º Ciclo do Ensino Básico Garcia de Orta, Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Óscar Lopes, Escola Básica do 2º e 3º Ciclos de Matosinhos, Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos Dr. José Domingues dos Santos, Escola E. B. 2 e 3 de Santiago, Escola E. B. 2 e 3 de Perafita, Escola E. B. 2 e 3 de Leça da Palmeira, Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Augusto Gil, Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Ramalho Ortigão, Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Leonardo Coimbra, Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Francisco Torrinha, Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Gomes Teixeira, Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Irene Lisboa, Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Nicolau Nasoni, Escola E. B. 2 e 3 Maria Lamas, Escola E. B. 2 e 3 de Paranhos e Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Dr. Augusto César Pires de Lima

## Resultados

*Frequências e Descritivas*

Os dados demonstram que 17,4% dos indivíduos são vítimas de *bullying*. Destes, como se pode ver na Tabela 1, a maioria é vítima de *bullying* social. 9,6% dos participantes são *bullies*. A maioria destes afirma que exerce *bullying* verbal. 27% dos inquiridos são *bystanders*, i.e., indivíduos que conheciam alguém que foi vítima de *bullying*. Estes reportam o *bullying* verbal como o tipo de *bullying* que eles mais testemunham.

Tabela 1 - Percentagem e número de vítimas, *bullies* e *bystanders* consoante o tipo de *bullying*

	Vítimas		<i>Bullies</i>		<i>Bystanders</i>	
	n	%	n	%	n	%
<i>Bullying</i> Social	10	37%	7	30%	23	33,3%
<i>Bullying</i> Verbal	7	25,9%	9	45%	28	40,6%
<i>Bullying</i> Físico	3	11,1%	2	10%	13	18,8%
<i>Bullying</i> Sexual	7	25,9%	3	15%	5	7,2%

No que concerne ao *cyberbullying*, constatamos que 8,7% dos participantes afirmaram que são *cybervítimas*, sendo que a maioria, tal como refere a Tabela 2, relata ter sido perseguida. 6,1% dos participantes são *cyberbullies*. A maioria destes afirma que iniciou provocações. 21,7% são *cyberbystanders*, i.e., conhecem alguém que é e/ou foi vítima de *cyberbullying*. A maioria relata que a vítima foi provocada.

Tabela 2 - Percentagem e número de *cybervítimas*, *cyberbullies* e *cyberbystanders* consoante o tipo de *cyberbullying*

	<i>Cybervítimas</i>		<i>Cyberbullies</i>		<i>Cyberbystanders</i>	
	n	%	n	%	N	%
Personificar	0	0%	1	7,1%	7	11,2%
Intimidar	4	23,5%	2	14,3%	8	12,9%
Violar a intimidade	1	5,8%	2	14,3%	7	11,3%
Perseguir	6	35,3%	1	7,1%	10	16,1%
Denegrir	1	5,8%	1	7,1%	9	14,5%
Provocar	3	17,6%	4	28,6%	14	22,3%
Excluir	2	11,8%	3	21,4%	7	11,3%

Convém ainda referir que 34,6% dos alunos, vítimas de *cyberbullying*, confessaram que desconheciam a identidade do agressor e/ou *cyberbully* e apenas 18,1% revelou que ser vítima de *cyberbullying* teve e/ou tem consequências na sua vida. Mais, 65,9% dos inquiridos revelou que não contou a ninguém que foi e/ou é vítima de *cyberbullying*, sendo que 34% dos alunos disse que contou a alguém que era vítima de *Bullying* (nomeadamente, 43,75% contou aos amigos/colegas e 37,5% contou à família e amigos/colegas).

Os resultados demonstram ainda que 57,7% dos alunos que iniciaram comportamentos de *cyberbullying* revelaram que ninguém fez nada para parar a provocação. Aproximadamente 73,1% dos *cyberbullies* afirmaram que contaram a alguém que cometeram actos de *cyberbullying*, sendo que 77,7% contou aos amigos/colegas e apenas 2,7% à família.

Entre os *bystanders*, 33,9% confessou que não fez nada para parar a provocação de que alguém era alvo. Aproximadamente 77,6% dos alunos consideram que os adultos tentam parar o *cyberbullying* quando têm conhecimento.

81,7% dos participantes afirma utilizar a Internet e 79,1% o telemóvel. Os resultados demonstram que 27,8% dos inquiridos que utilizam o telemóvel dispense diariamente 5h ou mais com o mesmo e 28,7% dos utilizadores da Internet dispense 1 a 2 horas com esta ferramenta. No entanto, convém discriminar estes resultados relativamente ao sexo dos participantes (ver Tabela 3). A maioria dos participantes do sexo feminino utiliza o telemóvel 5 horas ou mais por dia (37,9%) e 1 a 3 horas a Internet (37,9%), e a maioria dos participantes do sexo masculino dispense menos do que 1 hora com o telemóvel (29,7%) diariamente e 3 a 5 horas a Internet (40,5%). Deste modo, verificamos que são as raparigas que dispendem mais tempo com o telemóvel e são os rapazes que dispendem mais tempo com a Internet.

Tabela 3 - Tempo dispendido, em média, por dia, com cada tecnologia de informação e comunicação, discriminado pelo sexo dos participantes

TIC	0h		<1h		1 a 3h		3 a 5h		5h ou +	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Telemóvel	10,8%	0%	29,7%	17,2%	13,5%	24,1%	18,9%	20,7%	27%	37,9%
Internet	0%	1,7%	8,1%	17,2%	29,7%	37,9%	40,5%	20,7%	21,6%	22,4%
MSN/Salas de Chat	10,8%	20,7%	18,9%	13,8%	40,5%	37,9%	18,9%	19%	10,8%	8,6%
Jogos Online	16,2%	56,9%	40,5%	34,5%	27%	8,6%	2,7%	0%	13,5%	0%
Jornais/Blogues Online	45,9%	58,6%	32,4%	27,6%	16,2%	10,3%	5,4%	1,7%	0%	1,7%
Hi5/Myspace/Facebook	35,1%	15,5%	43,2%	41,4%	16,2%	27,6%	5,4%	8,6%	0%	6,9%
Webcams	75%	67,2%	16,7%	25,9%	2,8%	3,4%	0%	0%	5,6%	3,4%
Conversar com Amigos	0%	16,1%	21,6%	19,6%	45,9%	44,6%	21,6%	12,5%	10,8%	7,1%
Conversar com Desconhecidos	78,4%	84,5%	8,1%	8,6%	8,1%	5,2%	0%	1,7%	5,4%	0%
Perseguir Alguém Online	97,3%	94,8%	2,7%	3,4%	0%	1,7%	0%	0%	0%	0%

No âmbito das ferramentas informáticas online o meio mais utilizado é o MSN/Salas de Chat (68,6%) e o Hi5/Myspace/Facebook (63,4%).

No que concerne às acções levadas a cabo com os programas e/ou ferramentas informáticas, 73% dos inquiridos afirma que conversa online com amigos, 14,7% revela que conversa online com desconhecidos e aproximadamente 3,8% dos participantes confessou perseguir outros online.

As *cybervítimas* afirmam que o meio mais utilizado pelos seus agressores foi o telemóvel (17,4%). Os *cyberbullies* revelaram que este meio também foi o mais utilizado nas perseguições às suas vítimas (10,4%). Os *cyberbystanders* afirmam que os meios mais comuns de perseguição foram o telemóvel e MSN/Salas de Chat (9,6%).

Convém ainda acrescentar que a maioria dos inquiridos (44,3%) prefere a Internet ao telemóvel e 82,6% costuma aceder à Internet em casa.

Como se pode ver na Tabela 5, 54,8% da amostra revelou que conhecia estratégias de segurança no ciberespaço, sendo que as estratégias mais conhecidas e utilizadas são: “Não partilhar informação pessoal com desconhecidos” (60% e 55,7%) e “Evitar ter conversas privadas com pessoas desconhecidas” (55,7% e 45,2%). As estratégias menos conhecidas e utilizadas são: “Contactar o servidor quando se é perseguido online” (16,8% e 9,4%) e “Contar a adultos quando se é perseguido online” (30,5% e 11,5%).

Tabela 4 - Percentagem de participantes que conhece e/ou utiliza cada estratégia de segurança online

Estratégias	Conheço	Utilizo
	%	%
Utilizar software protector	49,5%	43,2%
Não abrir links	50,5%	42,1%
Não partilhar informação	60%	55,8%
Não conversar com desconhecidos	55,8%	45,3%
Não abrir e-mails	49,5%	0%
Contactar o servidor	16,8%	9,5%
Informar os adultos	30,5%	11,6%
Mudar de e-mail ou nickname	27,4%	14,7%
Bloquear	49,5%	43,2%

Relativamente ao suporte social, os dados revelam que a maioria dos participantes tem um relacionamento fácil e/ou conseguem conversar sobre os temas que mais os preocupam com a sua família ( $M = 2,11$ ), tem um relacionamento fácil com os seus amigos ( $M = 1,64$ ), tem em média de dois amigos ( $M = 3,41$ ) e de três amigas ou mais ( $M = 3,56$ ), dispõem de um bom relacionamento com os seus colegas ( $M = 1,95$ ) e com os seus professores ( $M = 1,18$ ).

#### *Teste de Hipóteses*

Para analisarmos a primeira hipótese, foi realizado uma Regressão Linear Simples. Concluimos que existe uma relação positiva e significativa entre o *bullying* e o *cyberbullying* ( $r = .760$ ). Os dados demonstram ainda que os participantes implicados em episódios de vitimização offline estão igualmente envolvidos em situações de vitimização online. Assim existe uma relação positiva e significativa entre ser-se *bully* e *cyberbullies* ( $r = .672$ ) e entre

ser-se vítima e *cybervítimas* ( $r = .518$ ). Porém, não podemos afirmar que existe uma relação positiva e significativa entre ser-se *cyberbully* e vítima. Não se confirma correlação entre ser-se *cybervítima* e *bully*.

Tabela 5 - Relação entre *cyberbullying* e *bullying*

	<i>r</i>
<i>Cyberbullying</i> e <i>Bullying</i>	.760**
<i>Cyberbullies</i> e <i>Bullies</i>	.672**
<i>Cybervítimas</i> e Vítimas de <i>Bullying</i>	.518**
<i>Cyberbullies</i> e Vítimas de <i>Bullying</i>	.247*

\* *p value* < .05\*\* *p value* < .01

Através de uma Regressão Linear Simples verificamos que existe uma relação linear positiva entre as *cybervítimas* e a percepção dos colegas como fonte de suporte social ( $r = .287$ ), e entre os *cyberbullies* e a percepção dos amigos como fonte de suporte social ( $r = .246$ ). Por conseguinte, à medida que o *cyberbullying* aumenta entre as vítimas, aumenta o suporte social dos colegas; à medida que o *cyberbullying* aumenta entre os agressores, aumenta o suporte social dos amigos.

Tabela 6 - Relação entre *cyberbully/cybervítima* e tipo de suporte social

	<i>r</i>
<i>Cybervítima</i> e Suporte Social - Colegas	.287*
<i>Cyberbully</i> e Suporte Social – Amigos	.246*

\* *p value* < .05

Para analisarmos se existia uma relação directa entre os *cyberbullies/cybervítimas* e (1) o tempo dispendido online, (2) o conhecimento de estratégias de segurança e (3) a utilização dessas mesmas estratégias, realizou-se uma Regressão Linear Simples. Os dados demonstraram que existe uma relação positiva entre as *cybervítimas* e o tempo dispendido online. O mesmo se verificou em relação aos *cyberbullies*, destacando-se que a relação é significativa. Correlacionando o facto de se ser *cyberbully* e o conhecimento/utilização de estratégias de segurança verificou-se que existe uma relação linear positiva.

Tabela 7 - Relação entre *cyberbully/cybervítima*, tempo dispendido online e conhecimento e utilização de estratégias de segurança

	r
<i>Cybervítima</i> e Tempo Online	.221*
<i>Cyberbully</i> e Conhecimento de Estratégias	.208*
<i>Cyberbully</i> e Utilização de Estratégias	.290*
<i>Cyberbully</i> e Tempo Online	.360**

\**p* value < .05\*\**p* value < .01

Para testar a terceira hipótese realizaram-se quatro moderações via Regressão, nomeadamente: (1) para medir a relação entre o tempo dispendido online e o facto de se estar envolvido no *Cyberbullying*, enquanto *cybervítimas*, moderado pela falta de conhecimento de estratégias de segurança online; (2) para medir a relação entre o tempo dispendido online e o facto de se estar envolvido no *Cyberbullying*, enquanto *cybervítimas*, moderado pela utilização de estratégias de segurança online; (3) para medir a relação entre o tempo dispendido online e o facto de se estar envolvido no *Cyberbullying*, enquanto *cyberbullies*, moderado pelo conhecimento de estratégias de segurança online; (4) para medir a relação entre o tempo dispendido online e o facto de se estar envolvido no *Cyberbullying*, enquanto *cyberbullies*, moderado pela utilização de estratégias de segurança online.

Concluimos que não existe efeito de moderação entre o tempo dispendido online e o conhecimento de estratégias de segurança com o facto de se ser *cybervítima* e entre o tempo dispendido online e utilização de estratégias de segurança com o facto de se ser *cybervítima* ( $R^2_{aj} = .123$ ,  $F(7,2084) = 42.93$ ,  $p < .001$ ). Contudo, os dados revelam que estamos perante uma moderação entre o tempo dispendido online e conhecimento de estratégias de segurança com o facto de se ser *cyberbully* e entre o tempo dispendido online e utilização de estratégias de segurança com o facto de se ser *cyberbully*.

Concluimos ainda que não existe uma relação entre ser-se *cyberbully* ( $r = .176$ ) e/ou *cybervítima* ( $r = .031$ ) e o sexo dos participantes. Deste modo, não verificamos a quarta hipótese, a qual defende que seria o grupo feminino o grupo mais implicado em episódios de *cyberbullying*, i.e., a apresentar índices mais elevados de envolvimento no fenómeno, enquanto *cyberbullies*.

Por último, e apesar de não ser uma hipótese do presente estudo, foi também nosso interesse averiguar se existem diferenças no que respeita à idade e média escolar dos

inquiridos com o facto de se ser *cyberbully* e *cybervítima*. Os resultados demonstraram que não existe uma relação linear entre as variáveis.

## Discussão e Conclusão

O presente estudo, ao explorar o *cyberbullying* em contexto nacional, demonstrou que o fenómeno é preocupante. 8,7% dos participantes são *cybervítimas*, 6,1% *cyberbullies* e 21,7% *cyberbystanders*. Estes resultados permitem verificar que as estatísticas do *cyberbullying* em Portugal não diferem muito das estatísticas mundiais. Rauskukas e Stoltz (2007) constataram que 11% dos alunos norte-americanos eram *cybervítimas* e 4% *cyberbullies*; Li (2008) demonstrou que 25% dos alunos canadianos eram *cybervítimas* e 15% *cyberbullies* e 33% dos alunos chineses eram *cybervítimas* e 7% *cyberbullies*; em Espanha, 1,7% dos alunos são agressores e 1,5% vítimas da vertente mais severa do *cyberbullying*, 9,3% são *cybervítimas* e 5,7% *cyberbullies* na vertente moderada (Ortega, Calmaestra, & Merchán, 2008). Crê-se deste modo que o contexto português se aproxima mais do contexto espanhol, porém a taxa de incidência de *cyberbullying*, sobretudo no que respeita aos agressores, não se distancia do estudo com alunos norte-americanos (Raskaukas e Stoltz, 2007) ou do estudo com alunos chineses (Li, 2008).

Aquando da correlação do *bullying* com o *cyberbullying*, constatamos que existe uma relação linear entre as variáveis, confirmando-se deste modo a primeira hipótese, a qual postulava que existiria uma correlação entre os dois fenómenos. Assim, os participantes implicados em episódios de vitimização offline estão igualmente envolvidos em situações de vitimização online. Ainda, os *bullies* são também os agressores online e as vítimas de *bullying* são as vítimas online. Este resultado vai de encontro aos estudos realizados por Mitchell *et al.* (2007), Juvonen e Gross (2008), Dehue, Bolman e Völlink (2008), Li (2008) e Ortega, Calmaestra e Mércan (2008). O ciberespaço é utilizado como um meio que extravasa o recreio, onde os *bullies* podem continuamente agredir, perseguir, intimidar as suas vítimas.

Foi também preocupação da presente investigação saber se os jovens apresentam relutância em partilhar com adultos o envolvimento em episódios de *cyberbullying*. Verificamos que aproximadamente 8 em cada 10 participantes acreditam que os adultos tentam parar o *cyberbullying* quando têm conhecimento mas nenhuma das vítimas revelou apenas à família ou aos professores que eram alvo de perseguição ou intimidação. Estes dados confirmam os resultados de Li (2005), de Kowalski e Limber (2007) e de Aricak *et. al* (2008), postulando que os jovens não vêem na família e nos professores uma fonte de suporte social e emocional. De facto, os dados são preocupantes em relação às vítimas, na medida em que aproximadamente 7 em cada 10 inquiridos afirmaram que não partilharam com ninguém o seu sofrimento.

Convém ainda referir que 4 em cada 10 vítimas de *cyberbullying* confessaram que desconheciam a identidade do agressor. Mais uma vez, estes dados estão em concordância com os resultados de Li (2005), que revelam que 4 em cada 10 *cybervítimas* não tinham ideia de quem seria o agressor; dos de Wolak, Finkelhor e Mitchell (2007), em que aproximadamente 6 em cada 10 inquiridos foi perseguido ou intimidado por pares desconhecidos; ou os de Kowalski e Limber (2007), os quais demonstram que quase metade das vítimas de *cyberbullying* desconhecia a identidade do *cyberbully*. Os dados encontrados no presente estudo confirmam a ideia que o *cyberbullying* é um fenómeno caracterizado pelo anonimato do agressor.

O tempo de utilização das TIC tem vindo a estar em foco nas investigações mundiais (Aricak *et. al.*, 2008), na medida em que quanto mais tempo dispendem online, maior é a probabilidade de serem vitimizados ou vitimizarem. A maioria dos inquiridos revelou que dispense diariamente 5 horas ou mais com o telemóvel e 1 a 2 horas com a Internet. Foram encontradas diferenças no que respeita ao sexo dos participantes, sendo as raparigas o grupo que utiliza durante mais tempo o telemóvel. Esta ferramenta de comunicação é também o meio preferido pelos *cyberbullies* nas suas perseguições e o meio mais comum pelo qual as *cybervítimas* são mais vitimizadas. Os dados demonstram ainda que tanto os *cyberbullies* como as *cybervítimas* dispendem muito tempo com as tecnologias de comunicação.

Associado ao tempo está a segurança no ciberespaço. Foi portanto nosso interesse averiguar se os participantes conhecem e utilizam estratégias de segurança online. Mais de metade da amostra afirmou que sim. Verificámos que são os *cyberbullies* o grupo que conhece e utiliza as referidas estratégias. Este resultado está em conformidade com a literatura e confirma a nossa hipótese de que os *cyberbullies* são o grupo que conhece mais estratégias de segurança e garantia do anonimato e que se sente mais familiarizado e disponibiliza mais tempo na utilização da Internet e do telemóvel. De facto, os agressores online beneficiam do anonimato conferido pelas TIC e perpetuam a sua vitimização porque estão familiarizados com a segurança no ciberespaço. Constatamos ainda que a relação entre o facto de se ser *cyberbully* e o tempo que os mesmos dispendem com as TIC depende do conhecimento e utilização de estratégias de segurança. Para além dos *cyberbullies* serem os indivíduos que conhecem e utilizam mais estratégias de segurança, dispendem também mais tempo com a Internet e o telemóvel.

Segundo a literatura, o suporte social é também um factor que contribui para a prevenção da vitimização e, conseqüentemente, para o bem-estar e saúde mental dos indivíduos. Segundo Rigby (2000), os alunos que são vítimas de *bullying* e com um suporte

social reduzido estão em risco de saúde mental. Acrescenta ainda que os jovens que têm um suporte social reduzido estão mais vulneráveis a serem vitimizados. Os dados revelam que a maioria dos participantes tem um bom relacionamento com a sua família, amigos, colegas e professores. Verificámos que os *cyberbullies* têm um suporte social elevado entre os amigos e/ou pares. Este resultado vai de encontro aos estudos sobre *bullying*. Sendo o *bullying* um fenómeno de grupo, desempenhando os amigos um papel determinante na perpetuação da vitimização, e estando perante uma similaridade entre o *bullying* e o *cyberbullying*, é previsível que isto ocorresse. Uma vez que o *bully* na escola é o *bully* online é compreensível que o suporte social mais elevado que tenham seja os pares. No que concerne às *cybervítimas* constatamos que dispõem de um suporte social elevado entre os colegas. Este resultado era inesperado na medida em que contradiz o que autores como Williams e Guerra (2007) defendem - a percepção de um clima escolar de confiança, justiça e prazer leva a taxas reduzidas de *cyberbullying*. Deste modo, podemos dizer que confirmamos apenas em parte a segunda hipótese, nomeadamente na relação existente entre os amigos, como fonte de suporte social, e o facto de se ser *cyberbully*.

Por último, os actores envolvidos em episódios de *cyberbullying* não diferem quanto ao sexo, idade ou média escolar, não se confirmando a quarta hipótese do estudo. Estes resultados não sustentam os dados obtidos em investigações internacionais. Li (2006) defende que quase metade das *cybervítimas* dispõe de resultados escolares abaixo da média. Na presente investigação não se verificou relação entre o *cyberbullying* e a média escolar dos participantes. O mesmo acontece em relação ao sexo dos inquiridos. De facto, ao contrário do que Nelson (2003, cit. por Li, 2005), Lodge e Frydenberg (2007) ou Hinduja e Patchin (2008) defendem, as raparigas não estão mais envolvidas do que os rapazes em formas indirectas de *bullying*, nomeadamente o *cyberbullying*.

Podemos concluir que o *cyberbullying* é um fenómeno complexo, composto por características próprias e excepcionais, e que estabelece uma estreita relação com o tempo que se dispende com as TIC, com a segurança no ciberespaço, com o *bullying*. O anonimato conferido pelos meios tecnológicos coloca o *cyberbullying* num patamar quase inatingível. A perseguição anónima molesta crianças/jovens, destrói os seus relacionamentos e a sua convivência social. Creio que as crianças/jovens, de um modo geral, dispendem muito tempo com os meios tecnológicos e, em particular com as redes sociais, tendo probabilidades mais elevadas de serem vitimizados. Os resultados encontrados no presente estudo são, a meu ver, preocupantes e indiciam que o *cyberbullying* é um fenómeno transversal.

Não obstante, devo referir que o tamanho reduzido da amostra, a reduzida durabilidade da recolha de dados, a incompreensão das escolas do Grande Porto na importância da sua

colaboração numa investigação, a escassez de dados em Portugal sobre o *cyberbullying*, a extensão do questionário, a inexistência de um *focus group* que explore as questões mais delicadas podem ser apontadas como as principais limitações do estudo.

Deste modo, penso que em investigações futuras é importante correlacionar o *cyberbullying* com o bem-estar emocional e social dos indivíduos, a partilha com outros sobre o envolvimento no fenómeno e o suporte social, reduzir a extensão do questionário, realizar uma recolha e análise de dados qualitativa que permita contribuir com dados enriquecedores sobre o fenómeno e que não passíveis de serem medidos quantitativamente, e dispor de uma amostra maior.

Espero que o presente trabalho tenha contribuído para enriquecer a ciência em Portugal e o conhecimento sobre o fenómeno em contexto nacional. Espero que esta investigação seja uma plataforma útil no desenvolvimento e concepção de projectos de intervenção e prevenção. O *cyberbullying* já fixou também as suas raízes em Portugal, como consequência da crescente globalização e dinamismo tecnológico do mundo moderno, constituindo-se como uma ameaça às redes sociais, à sociedade, à vida.

Referências Bibliográficas

- Almeida, A., Correia, I., Esteves, C., Gomes, S., Garcia, D., & Marinho, S. (2008). Espaços virtuais para maus tratos reais: as práticas de *cyberbullying* numa amostra de adolescentes portuguesas. In R. Astor, E. Debarieux, & C. Neto (Eds). 4th World Conference on Violence in School and Public Policies (pp. 134). Lisboa: Edições FMH.
- Anderson, T., & Sturm, B. (2007). *Cyberbullying* from playground to computer. *Young Adult Library Services*, 24-27.
- Aricak, T. et al. (2008). *Cyberbullying* among Turkish Adolescents. *CyberPsychology & Behavior*, 11-3, 253-261.
- Bhat, C. S. (2008). Cyber Bullying: overview and strategies for school counsellors, guidance officers, and all school personnel. *Australian Journal of Guidance & Counselling*, 18-1, 53-66.
- Burgess-Proctor, A., Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2008). *Cyberbullying* Research Summary. *Victimization of adolescent girls*.
- Carvalhosa, S. (2008). Questões sobre Suporte Social. Tese de Doutoramento. Universidade de Bergen.
- Chapell, M. et al. (2006). Bullying in Elementary School, *High school, and College*. *Adolescence*, 41-164, 633-648.
- d'Acremont, M., & Van der Linden, M. (2005). Adolescent Impulsivity: Findings from a Community Sample. *Journal of Youth and Adolescence*, 34-5, 427-435.
- Dehue, F., Bolman, C., & Völlink, T. (2008). *Cyberbullying*: youngsters' experiences and parental perception. *CyberPsychology & Behavior*, 11-2, 217-223.

- Gillespie, A. A. (2006). *Cyberbullying* and harassment of teenagers: the legal response. *Journal of Social Welfare & Family Law*, 28-2, 123-136.
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2008). *Cyberbullying*: an exploratory analysis of factors related to offending and victimization. *Deviant Behavior*, 29, 129-156.
- Johnson, J. M. (2009). The impact of cyber bullying: A new type of relational aggression. American Counseling Association Annual Conference and Exposition.
- Juvonen, J., & Gross, E. F. (2008). Extending the school grounds? Bullying experiences in cyberspace. *Journal of School Health*, 78-9, 496-505.
- Kowalsky, R., & Limber, S. P. (2007). Electronic bullying among middle school students. *Journal of Adolescent Health*, 41, 522-530.
- Kowalsky, R., Limber, S. P., & Agatston, P. W. (2008). *Cyber Bullying. Bullying in Digital Age*. Blackwell.
- Li, Q. (2006). Cyber bullying in schools: A research of gender differences. *School Psychology International*, 27, 157–170.
- Li, Q. (2007). New bottle but old wine: a reserach of *cyberbullying* in schools. *Computers in Human Behavior*, 23, 1777-1791.
- Li, Q. (2008). A cross-cultural comparsion of adolescents'experience related to *cyberbullying*. *Educational Research*, 50-3, 223-234.
- Lodge, J., & Frydenberg, E. (2007). *Cyberbullying* in Australian Schools: Profiles of Adolescent Coping and Insights for School Practitioners. *The Australian Educational and Developmental Psychologist*, 24-1, 45-58.
- Marini, Z. et al. (2006). Direct and Indirect Bully-Victims: Differential Psychosocial Risk Factors Associated with Adolescents Involved in Bullying and Victimization. *Aggressive Behavior*, 32, 551-569.

- Mishna, F. et al. (2009). Prevalence and Impact of Cyber Bullying Among Adolescents. *Society for Social Work and Research*.
- Mitchell, K., Finkelhor, D., & Wolak, J. (2005). Protecting youth online: family use of filtering and blocking software. *Child Abuse & Neglect*, 29, 753-765.
- Mitchell, K., Ybarra, M., & Finkelhor, D. (2007). The relative importance of online victimization in understanding depression, delinquency, and substance use. *Child maltreatment*, 12-4, 314-324.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at School*. Blackwell.
- Olweus, D. (2001). Bullying at School: tackling the problem. *Observer*, 225.
- Ortega, R., Calmaestra, J., & Mora Mércan, J. (2008). *Cyberbullying*. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 8-2, 183-192.
- Raskaukas, J., & Stoltz, A. (2007). Involvement in Traditional and Electronic Bullying Among Adolescents. *Development Psychology*, 43-3, 564-575.
- Rigby, K. (2000). Effects of peer victimization in schools and perceived social support on adolescent well-being. *Journal of Adolescence*, 23, 57-68.
- Roland, E. (2002). Bullying, depressive symptoms and suicidal thoughts. *Educational Research*, 44-1, 55-67.
- Salmivalli, C., & Nieminen, E. (2002). Proactive and Reactive Aggression Among School Bullies, Victims, and Bully-Victims. *Aggressive Behaviour*, 28, 30-44.
- Smith et al. (2006). An investigation into *cyberbullying*, its forms, awareness and impact, and the relationship between age and gender in *cyberbullying*. Unit for School and Family Studies, Goldsmiths College, University of London.

- Solsberg, M., & Olweus, D. (2003). Prevalence Estimation of School Bullying With the Olweus Bully/Victim Questionnaire. *Agressive Behavior*, 29, 239-268.
- Solsberg, M., Olweus, D., & Endresen, I. (2007). Bullies and victims at school: Are they the same pupils? *British Journal of Educational Psychology*, 77, 441-464.
- Strom, P., & Strom, R. (2005). *Cyberbullying* by adolescents: a preliminary assessment. *The Educational Forum*, 70, 21-36.
- Vandebosch, H., & Van Cleemput, K. (2008). Defining *Cyberbullying*: A Qualitative Research into the Perceptions of Youngsters. *Cyberpsychology & Behavior*, 11-4, 499-503.
- Willard, N. (2006). Flame Retardant. *School Library Journal*, 54-56.
- Williams, K. R.; & Guerra, N. G. (2007). Prevalence and Predictors of Internet Bullying. *Journal of Adolescent Health*, 41, 14-21.
- Wolak, J., Mitchell, J. J., & Finkelhor, D. (2007). Does online harassment constitute bullying? An exploratorion of online harassment by know peers and online-only contacts. *Journal of Adolescents Health*, 41, 551-558.
- Wolak, J., Finkelhor, D., & Mitchell, K. (2008). Is talking online to unknown people always risky? Distinguishing online interaction styles in a national sample of youth internet users. *CyberPsychology & Behavior*, 11-3, 340-343.
- Wolfsberg, J. S. (2006). Student Safety from cyberbullies, in *chat* rooms, and in instant messaging. *The Education Digest*, 33-37.
- Ybarra, M. L., & Mitchell, K. J. (2004). Online aggressor/targets, aggressors, and targets: a comparison of associated youth characteristics. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45-7, 1308-1316.

Ybarra, M. L., Mitchell, K. J., Wolak, J., & Finkelhor, D. (2006). Examining characteristics and associated distress related to Internet harassment: Findings from the second youth internet safety survey. *Pediatrics*, *118*, 1169–1177.

Anexo

Anexo I – Instrumento

☞ Antes de começares a preencher o questionário lê primeiro a informação que se encontra abaixo.

❶ O **Bullying** é um comportamento de abuso de poder, em que um aluno(s) intencionalmente diz ou faz coisas desagradáveis a outro(s) aluno(s), acontecendo mais do que uma vez.

O Bullying pode ocorrer **frente-a-frente** ou através da **Internet ou do telemóvel**.

✓ **Bullying é:** insultar, ameaçar, deixar de fora do grupo, bater, estragar ou tirar coisas, tocar em partes do corpo de outro aluno de modo que ele se sinta desconfortável.

✗ **Bullying não é:** dizer piadas de modo amigável, chamar um nome que a pessoa goste, lutar uma vez, discutir sem ofender.

PARTE I.

Na 1ª parte pedimos-te que nos dês algumas informações sobre ti. Nomeadamente:

1. O teu sexo é:

Masculino <sub>1</sub>  Feminino <sub>2</sub>

2. Tens: \_\_\_\_\_ anos

3. Frequentas o:

7º Ano <sub>1</sub>  8º Ano <sub>2</sub>  9º Ano <sub>3</sub>  10º Ano <sub>4</sub>  11º Ano <sub>5</sub>

4. A tua média escolar está:

Abaixo da média <sub>1</sub>  Na média <sub>2</sub>  Acima da média <sub>3</sub>

5. Português é a tua primeira língua?

Não <sub>1</sub>  Sim <sub>2</sub>

6. Em que distrito resides?

Açores <sub>1</sub> <input type="checkbox"/>	Castelo Branco <sub>5</sub> <input type="checkbox"/>	Guarda <sub>9</sub> <input type="checkbox"/>	Portalegre <sub>13</sub> <input type="checkbox"/>	Viana do Castelo <sub>17</sub> <input type="checkbox"/>
Aveiro <sub>2</sub> <input type="checkbox"/>	Coimbra <sub>6</sub> <input type="checkbox"/>	Leiria <sub>10</sub> <input type="checkbox"/>	Porto <sub>14</sub> <input type="checkbox"/>	Vila Real <sub>18</sub> <input type="checkbox"/>
Braga <sub>3</sub> <input type="checkbox"/>	Évora <sub>7</sub> <input type="checkbox"/>	Lisboa <sub>11</sub> <input type="checkbox"/>	Santarém <sub>15</sub> <input type="checkbox"/>	Viseu
Bragança <sub>4</sub> <input type="checkbox"/>	Faro <sub>8</sub> <input type="checkbox"/>	Madeira <sub>12</sub> <input type="checkbox"/>	Setúbal <sub>16</sub> <input type="checkbox"/>	

## PARTE II.

Na 2ª parte queremos saber se foste ou és vítima de **Bullying**. Assinala no quadrado com uma cruz (☒) a tua resposta.

1. Alguma vez...	Nunca	Apenas 1 ou 2 vezes	2 a 3 vezes num mês	1 vez por semana ou mais
Entraram na tua conta de e-mail e se fizeram passar por ti, enviando aos teus contactos e-mails insultuosos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Te enviaram SMS ou e-mails com o objectivo de te ameaçarem?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Te deixaram de fora de um grupo ou te ignoraram na escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Partilharam com outras pessoas na Internet informação íntima sobre ti que te deixasse embaraçado/a?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Foste empurrado/a, deram-te pontapés, encontrões ou te tiraram as coisas na escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Te enviaram SMS ou e-mails insultuosos repetidamente?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Enviaram ou postaram online mentiras sobre ti?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Te tocaram em partes do corpo deixando-te desconfortável ou já te fizeram gestos ordinários?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Te ofenderam através da Internet ou do telemóvel?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Foste excluído/a de um jogo ou de um grupo online?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Te chamaram nomes, ameaçaram ou foste gozado/a na escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

### Se foste vítima de Bullying...

#### 2. Através de que meios é que foste provocado/a, insultado/a, excluído/a ou ameaçado/a?

Telemóvel	<input type="checkbox"/>
MSN	<input type="checkbox"/>
E-mail	<input type="checkbox"/>
Salas de Chat	<input type="checkbox"/>
Jogos ou grupos online	<input type="checkbox"/>
Outro Meio. Qual? _____	<input type="checkbox"/>

#### 3. Sabes quem é o provocador?

Não  Sim

#### 4. Contáste a alguém que foste/és vítima de Bullying?

Não

Sim  Quem? Família  Amigos/Colegas  Professores

#### 5. O facto de teres sido ou de seres vítima de Bullying teve ou tem consequências na tua vida?

Não  Sim

**PARTE III.**

Na 3ª parte queremos saber se cometeste actos de **Bullying**. Assinala no quadrado com uma cruz (☒) a tua resposta.

1. Alguma vez...	Nunca	Apenas 1 ou 2 vezes	2 a 3 vezes num mês	1 vez por semana ou mais
Entraste na conta de e-mail de outra pessoa e fizeste-te passar por ela, enviando aos contactos dele/dela e-mails insultuosos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Enviaste SMS ou e-mails com o objectivo de ameaçares outros?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Deixaste alguém de fora de um grupo ou ignoraste na escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Partilhaste com outras pessoas na Internet informação íntima sobre alguém que o/a deixasse embaraçado/a?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Empurraste, deste pontapés, encontrões ou tiraste as coisas de alguém na escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Enviaste SMS ou e-mails insultuosos a alguém repetidamente?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Enviaste ou postaste online mentiras sobre alguém?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tocaste em partes do corpo de alguém deixando-o/a desconfortável ou já fizeste gestos ordinários?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ofendeste através da Internet ou do telemóvel?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Excluístes alguém de um jogo ou de um grupo online?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Chamaste nomes, ameaçaste ou gozaste alguém na escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**Se cometeste actos de Bullying...**

**2. Através de que meios é que provocaste, insultaste, excluístes ou ameaçaste?**

- Telemóvel
- MSN
- E-mail
- Salas de Chat
- Jogos ou grupos online
- Outro Meio. Qual? \_\_\_\_\_

**6. Contaste a alguém que cometeste esses actos?**

- Não
- Sim  **Quem?** Família
- Amigos/Colegas
- Professores

**7. Alguém fez alguma coisa para parar as tuas provocações/ameaças/insultos...?**

- Não  Sim

**PARTE IV.**

Na 4ª parte queremos saber se conheces alguém que tenha sido vítima de **Bullying**. Assinala no quadrado com uma cruz (☒) a tua resposta.

<b>1. Pensa agora nessa pessoa e diz-nos se alguma vez...</b>	Nunca	Apenas 1 ou 2 vezes	2 a 3 vezes num mês	1 vez por semana ou mais
Entraram na sua conta de e-mail e se fizeram passar por ele/ela, enviando aos seus contactos e-mails insultuosos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Lhe enviaram SMS ou e-mails com o objectivo de o/a ameaçarem?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O/a deixaram de fora de um grupo ou o/a ignoraram na escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Partilharam com outras pessoas na Internet informação íntima sobre ele/ela que o/a deixasse embaraçado/a?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Foi empurrado/a, deram-lhe pontapés, encontrões ou lhe tiraram as coisas na escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Lhe enviaram SMS ou e-mails insultuosos repetidamente?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Enviaram ou postaram online mentiras sobre ele/ela?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Lhe tocaram em partes do corpo deixando-o/a desconfortável ou já lhe fizeram gestos ordinários?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O/a ofenderam através da Internet ou do telemóvel?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Foi excluído/a de um jogo ou de um grupo online?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Lhe chamaram nomes, ameaçaram ou foi gozado/a na escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**2. Através de que meios é que foi provocado/a, insultado/a, excluído/a ou ameaçado/a?**

- Telemóvel
- MSN
- E-mail
- Salas de Chat
- Jogos ou grupos online
- Outro Meio. Qual? \_\_\_\_\_

**3. Quando tiveste conhecimento que era vítima de Bullying fizeste alguma coisa para parar a provocação?**

Não  Sim

**4. Os adultos quando têm conhecimento que alguém está a ser vítima de Bullying tentam pôr fim à provocação?**

Não  Sim

**PARTE V.**

Na 5ª parte queremos saber quais são os teus hábitos em relação ao uso da Internet e do telemóvel. Assinala no quadrado com uma cruz (☒) a tua resposta.

<b>1. Em média, por dia, quantas horas despendes com:</b>	<b>0h</b>	<b>&lt;1h</b>	<b>1-3h</b>	<b>3-5h</b>	<b>5h ou +</b>
a) Telemóvel	<input type="checkbox"/>				
b) Internet	<input type="checkbox"/>				
c) MSN ou Salas de Chat	<input type="checkbox"/>				
d) Jogos online	<input type="checkbox"/>				
e) Jornal ou Blog online	<input type="checkbox"/>				
f) Myspace, Hi5, Facebook	<input type="checkbox"/>				
g) Webcam	<input type="checkbox"/>				
h) Conversar online com amigos	<input type="checkbox"/>				
i) Conversar online com desconhecidos	<input type="checkbox"/>				
j) Perseguir outros online	<input type="checkbox"/>				

**2. Ordena por ordem de preferência [1º e 2º] os seguintes meios de comunicação:**

- Telemóvel
- Internet

**3. Habitualmente onde acedes à Internet?**

- Em casa       Na escola       Em casa de Amigos       Via telemóvel

**4. Conheces estratégias de segurança no ciberespaço?**

- Não       Sim

**Se sim, quais é que são para ti estratégias de segurança e quais é que utilizaste na última semana?**

	<b>Estratégias que conheço:</b>	<b>Na última semana usei:</b>
Usar software que nos proteja de conteúdos indesejáveis	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nunca abrir links ou anexos de pessoas desconhecidas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não partilhar informação pessoal com desconhecidos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Evitar ter conversas privadas com pessoas desconhecidas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Bloquear ou não adicionar e-mails desconhecidos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contactar o servidor quando se é perseguido online	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contar a adultos quando se é perseguido online	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mudar o nick name ou de e-mail quando se é perseguido	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**5. Se conheces mais estratégias do que as que utilizaste na última semana, porque é que não utilizaste todas?**

**PARTE VI.**

Na 6ª parte queremos saber como são os teus relacionamentos com os teus professores, pais e amigos.

**1. Com que à vontade te sentes para falar sobre os temas que te preocupam com as seguintes pessoas?**

	Muito fácil	Fácil	Difícil	Muito difícil	Não tenho ou não vejo esta pessoa
a) Pai	<input type="checkbox"/>				
b) Padrasto (ou namorado da mãe)	<input type="checkbox"/>				
c) Mãe	<input type="checkbox"/>				
d) Madrasta (ou namorada do pai)	<input type="checkbox"/>				
e) Irmão(s) mais velho(s)	<input type="checkbox"/>				
f) Irmã(s) mais velha(s)	<input type="checkbox"/>				
g) Melhor amigo	<input type="checkbox"/>				
h) Amigos do mesmo sexo	<input type="checkbox"/>				
i) Amigos do sexo oposto	<input type="checkbox"/>				

**2. Neste momento, quantos bons amigos(as) tens?** (Assinala apenas uma opção para os amigos e outra para as amigas)

	Amigos		Amigas
a) Nenhum	<input type="checkbox"/>	a) Nenhuma	<input type="checkbox"/>
b) Um	<input type="checkbox"/>	b) Uma	<input type="checkbox"/>
c) Dois	<input type="checkbox"/>	c) Duas	<input type="checkbox"/>
d) Três ou mais	<input type="checkbox"/>	d) Três ou mais	<input type="checkbox"/>

**3. Lê as seguintes frases em relação aos teus colegas de turma** (Assinala uma resposta para cada linha)

	É sempre verdade	A maior parte das vezes é verdade	Não é verdadeiro, nem falso	A maior parte das vezes é falso	É sempre falso
a) Os alunos da minha turma gostam de estar juntos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) A maior parte dos meus colegas são simpáticos e prestáveis	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) Os meus colegas aceitam-me como sou	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**4. Lê as seguintes frases em relação aos teus professores:**

	Acontece muitas vezes	Não sei se acontece	Acontece poucas vezes
a) Sou encorajado a expressar os meus pontos de vista na aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) Os professores tratam-nos com justiça	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) Quando preciso de ajuda posso tê-la	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d) Os professores interessam-se por mim como pessoa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo 2 – Curriculum Vitae



## Europass-Curriculum Vitae

### Informação pessoal

Apelido(s) / Nome(s) próprio(s) **Alves de Araújo Campos, Mariana**  
 Morada(s) Rua D. João de Castro, lote 3, r/c B, 1300-185 Lisboa, Portugal  
 Telemóvel 912724614  
 Correio(s) electrónico(s) [marianacampos@live.com.pt](mailto:marianacampos@live.com.pt)  
 Nacionalidade Portuguesa  
 Data de nascimento 24 de Junho de 1985  
 Sexo Feminino

### Experiência profissional

Datas	<i>Actualmente</i>
Função ou cargo ocupado	Psicóloga Social (estágio profissional)
Principais actividades e responsabilidades	Desenvolvimento de Checklist e de instrumentos de diagnóstico e avaliação de necessidades, desenho e implementação de um projecto de intervenção ao nível da mudança de comportamentos energéticos, ministrar formações.
Nome e morada do empregador	Factor Social, Centro Cívico de Carnaxide, Bloco 6, Carnaxide
Tipo de empresa ou sector	Empresa de Consultoria em Psicossociologia e Ambiente
Datas	Dezembro de 2008 a Junho de 2009
Função ou cargo ocupado	Psicóloga Social (estágio curricular)
Principais actividades e responsabilidades	Desenvolvimento de Checklist e de instrumentos de diagnóstico e avaliação de necessidades, desenho e implementação de um projecto de intervenção ao nível do <i>Bullying</i> em contexto escolar, avaliação do projecto, ministrar formações.
Nome e morada do empregador	USINA – Intervenção Social, Rua Frederico George, nº 29 – 2 D, Lisboa
Tipo de empresa ou sector	Organização de Intervenção Social e Comunitária

### Educação e formação

Datas	Setembro 2007 – Setembro 2009
Designação da qualificação atribuída	Mestrado em Psicologia Social e das Organizações
Principais disciplinas/competências profissionais	Psicologia Social Comunitária, Psicologia Social do Ambiente, Psicologia Social da Educação, Psicologia Social da Saúde, Psicologia Social da Justiça, Concepção e Avaliação de Projectos, Métodos Avançados de Análise de Dados, Métodos Avançados de Investigação, Diagnóstico e Intervenção Social e Organizacional, Psicologia dos Recursos Humanos, entre outras.
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Datas	Setembro 2003 – Junho 2007																								
Designação da qualificação atribuída	Licenciatura em Psicologia																								
Principais disciplinas/competências profissionais	Psicologia do Desenvolvimento da Criança e do Adolescente, Aprendizagem, Motivação e Emoção, Psicologia Diferencial, Psicologia Social, Atitudes e Mudança de Atitudes, Percepção de Pessoas e Relações Interpessoais, Neuropsicologia, Psicofisiologia e Genética, entre outras.																								
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa																								
Língua(s) materna(s)	<b>Português</b>																								
Outra(s) língua(s)																									
Auto-avaliação																									
Nível europeu (*)																									
<b>Inglês</b>																									
<b>Espanhol</b>																									
	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Compreensão</th> <th colspan="2">Conversaço</th> <th colspan="2">Escrita</th> </tr> <tr> <th>Compreensão oral</th> <th>Leitura</th> <th>Interacção oral</th> <th>Produção oral</th> <th colspan="2"></th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>C2</td> <td>C2</td> <td>B2</td> <td>B2</td> <td colspan="2">C1</td> </tr> <tr> <td>C2</td> <td>C2</td> <td>B1</td> <td>B1</td> <td colspan="2">B2</td> </tr> </tbody> </table>	Compreensão		Conversaço		Escrita		Compreensão oral	Leitura	Interacção oral	Produção oral			C2	C2	B2	B2	C1		C2	C2	B1	B1	B2	
Compreensão		Conversaço		Escrita																					
Compreensão oral	Leitura	Interacção oral	Produção oral																						
C2	C2	B2	B2	C1																					
C2	C2	B1	B1	B2																					
	(*) <a href="#">Nível do Quadro Europeu Comum de Referência (CECR)</a>																								
Aptidões e competências de organização	Colaboração na organização do X Congresso de Psicologia Ambiental na Gulbenkian, em Lisboa.																								
Aptidões e competências técnicas	Desenho e desenvolvimento de projectos nas mais diversas áreas no Mestrado em Psicologia Social e das Organizações: Programa de Inclusão de Crianças com NEE no 1º ciclo, Projecto de Intervenção Comunitária ao nível da Delinquência Juvenil, Programa de Prevenção do <i>Cyberbullying</i> Conhecimentos de utilização, análise e aplicação de diversos Testes de Avaliação Psicológica Conhecimento sobre processos educativos (Aprendizagem Cooperativa e Hipótese do Contacto) Boas competências no diagnóstico, levantamento e avaliação de necessidades.																								
Aptidões e competências informáticas	Bom domínio de ferramentas informáticas, nomeadamente: Microsoft Office, SPSS e Tropes.																								